

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROSILENE VIEIRA DE SOUSA

**ALÉM DOS MUROS DO LAR:**  
UMA ABORDAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO UNIVERSO FEMININO  
DA CIDADE DE PICOS-PI (1990-2015)

PICOS- PI

2017

ROSILENE VIEIRA DE SOUSA

**ALÉM DOS MUROS DO LAR:**

UMA ABORDAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO UNIVERSO FEMININO  
DA CIDADE DE PICOS-PI (1990-2015)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Ma. Mara Gonçalves de Carvalho

PICOS- PI

2017

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725a** Sousa, Rosilene Vieira de  
Além dos muros do lar: uma abordagem sobre a violência doméstica no universo feminino da cidade de Picos-PI (1990-2015) / Rosilene Vieira de Sousa. – 2017.  
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (70 f.)  
Monografia(Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Mara Gonçalves de Carvalho

1.Violência-Mulher. 2.Violência Doméstica. 3.Mulher-Resistência. I. Título.

**CDD 362.883**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Rosilene Vieira de Sousa** sob o título **Além dos muros do lar: uma abordagem sobre a violência doméstica no universo feminino na cidade de Picos-PI (1990-2015)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Ma. Mara Gonçalves de Carvalho

Examinador 1: Prof. Me. Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

Examinador 2: Prof. Es. Samairkon Silva de Oliveira Alves

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,5.

Picos (PI), 06 de Julho de 2017

Orientador (a): Mara Gonçalves de Carvalho

Examinador (a) 1: Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

Examinador (a) 2: Samairkon Silva de Oliveira Alves

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por iluminar e me dar coragem todos os dias da minha vida, pois sem ele não conseguiria seguir em frente, foi com a presença dele em minha vida, dando-me força e coragem para seguir em frente e alcançar mais essa vitória.

Agradeço ao meu marido Ricardo Bezerra da Costa pelo companheirismo, força que sempre me deu e tudo o que faz por mim para nunca desistir de minha longa caminhada, pelo amor, pela paciência nesses dias difíceis da minha vida, pois sempre me apoiou em todas as minhas decisões, sempre me incentivando a seguir em frente e lutar pelos meus sonhos e objetivos. Essa pessoa especial, o grande amor de minha vida e companheiro de todas as horas, minha vida se completou ao seu lado.

Aos meus pais por terem me dado à vida, pela preocupação durante este período e também todo curso, em especial minha mãe, Luiza Vieira de Sousa, pela preocupação que sempre teve comigo e por todo apoio que me deu durante essa minha jornada acadêmica e em toda a minha vida, uma mulher guerreira que fez muitos sacrifícios pelo bem familiar.

A uma grande amiga Maria Micheli de Alencar que esteve comigo desde mesmo antes da entrada no curso, sonhou junto comigo ainda no Ensino Médio a realização de nossos sonhos, apesar de não fazer o mesmo curso sempre esteve do meu lado compartilhando os momentos tristes e alegres, sua coragem, garra e uma grande batalhadora, guerreira lutando a cada dia pelos seus objetivos e sonhos, sempre me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos também, uma amiga de todas as horas, uma pessoa que já faz parte de minha família há alguns anos e sempre vai ter um lugar reservado na minha jornada da vida.

Agradeço aos meus amigos que ganhei ao longo desse curso, em especial a Maria Jéssica de Lima Luz que apareceu em minha vida nesse processo de transformação de minha formação ao longo do curso, estando ao meu lado em todos os momentos, tanto alegres como tristes. As tensões do curso foram amenizadas por suas palavras sempre de otimismo e consoladoras, momentos compartilhados que não serão esquecidos, sua presença em minha vida foi fundamental, uma luz de Deus para amenizar minhas angústias em muitos momentos, essa pessoa maravilhosa de um coração de ouro que não percebe a maldade nas pessoas, e que se tornou mais que uma irmã na minha vida, pessoas como você existem poucas no mundo, uma joia rara que vou guardar para sempre.

Ao meu amigo Paulo Henrique que chamamos de “P.H.”, essa pessoa que fez parte de muitos momentos ao longo do curso, pessoa calma e de uma alma pura que cativou muitas pessoas ao longo do curso, amigo para todos os momentos, das tensões de provas,

trabalhos, seminários, das conversas alegres no ambiente da universidade, uma pessoa onde poucas palavras são incapazes de descrever e que, ao longo dessa jornada acadêmica tive a oportunidade de conhecer essa pessoa maravilhosa e formar uma grande amizade.

A minha professora e orientadora, Mara Gonçalves de Carvalho, por ter me acolhido nesse momento tão difícil do estudante universitário, pela compreensão, apoio que sempre me deu ao longo dessa jornada, ao tempo que me dedicou para as correções desse trabalho e suas orientações, esse apoio foi fundamental e muito importante para a concretização desse trabalho.

Não posso deixar de agradecer a professora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira que sempre está disposta a ajudar seus alunos e que procurei em alguns momentos com dúvidas e pedidos de leituras, sua contribuição foi acrescentadora aos meus estudos e realização desse trabalho, as aulas da disciplina de gênero ministrada pela mesma, onde, sempre proporcionou ótimas discussões que abriram minha mente para esse campo intrigante que é as discussões de gênero.

Quero agradecer a Capes por ter ofertado bolsas aos alunos de graduação entre elas o PIBID, representado pelo coordenador professor Francisco Gleison da Costa Monteiro, coordenando este programa durante os dois primeiros anos de minha experiência no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), uma grande experiência que vou levar durante minha carreira, e foi essa bolsa que proporcionou a minha continuidade no curso de graduação em História.

*A minha irmã Ana Vieira de Sousa que nos últimos meses vêm lutando pela vida e vai conseguir com fé em Deus.*

## **Hoje recebi flores!**

Não é o meu aniversário ou nenhum outro dia especial; tivemos a nossa primeira discussão ontem à noite e ele me disse muitas coisas cruéis que me ofenderam de verdade. Mas sei que está arrependido e não as disse a sério, porque ele me enviou flores hoje. E não é o nosso aniversário ou nenhum outro dia especial.

Ontem ele atirou-me contra a parede e começou a asfixiar-me. Parecia um pesadelo, mas dos pesadelos acordamos e sabemos que não são reais. Hoje acordei cheia de dores e com golpes em todos lados. Mas eu sei que ele está arrependido, porque me enviou flores hoje. E não é Dia dos Namorados ou nenhum outro dia especial.

Ontem à noite bateu-me e ameaçou matar-me. Nem a maquiagem ou as mangas compridas poderiam ocultar os cortes e golpes que me ocasionou desta vez. Não pude ir ao emprego hoje, porque não queria que percebessem. Mas eu sei que está arrependido porque ele me enviou flores hoje. E não era Dia das Mães ou nenhum outro dia especial.

Ontem à noite ele voltou a bater-me, mas desta vez foi muito pior. Se conseguir deixá-lo, o que é que vou fazer? Como poderia eu sozinha manter os meus filhos? O que acontecerá se faltar o dinheiro? Tenho tanto medo dele! Mas dependo tanto dele que tenho medo de o deixar. Mas eu sei que está arrependido, porque ele me enviou flores hoje.

Hoje é um dia muito especial: É o dia do meu funeral. Ontem finalmente conseguiu matar-me. Bateu-me até eu morrer. Se ao menos eu tivesse tido a coragem e a força para o deixar.... Se tivesse pedido ajuda profissional.... Hoje não teria recebido flores!

(Autor desconhecido)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo uma problematização sobre a violência contra a mulher na cidade de Picos - Piauí, uma prática que atinge a dignidade e a vida do ser humano, por isso a importância desse trabalho para a discussão e informação ao meio social. Nesse sentido utilizamos um recorte temporal do ano de 1990 a 2015, partindo do conhecimento das lutas feministas que foram travadas ao longo de sua trajetória pela emancipação feminina, como os principais fatores que envolvem o contexto social picoense relacionado com a violência doméstica. Nessa pesquisa trabalhamos com fontes orais. Por meio de entrevistas com a coordenadora dos movimentos sociais (UMP) e integrantes do grupo Graciones. Essas entrevistas nos dará um entendimento do meio social e cultural que pertencem às vítimas de agressões físicas, conhecendo os principais instrumentos de resistência utilizados pelas mulheres para sua proteção diante de agressão masculina e os fatores que levam a permanência da convivência com agressores. Para a concretização dessa pesquisa foram utilizadas ainda as informações colhidas na documentação dos Boletins de Ocorrência (BOs) do ano de 2015 registrados na Delegacia da Mulher, leituras bibliográficas em livros, a leitura da Lei Maria da Penha N° 11.340. Com relação ao referencial teórico utilizamos: na exclusão feminina na história, Michelle Perrot; no esquecimento da mulher na história, Margareth Rago; entendendo o ambiente privado recorremos a Linn Hunt; as ideias construídas da dominação masculina em relação à mulher Pierre Bourdieu e a construção da virilidade, Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

**Palavras chave:** Violência, mulher e resistência.

## ABSTRACT

This work aims at a problem of physical violence against women in the city of Picos-Píauí, a practice that affects the dignity and life of the human being, so the importance of this work for the discussion and information to the social environment. In this sense, we use a time cut from the year 1990 to 2015, based on the knowledge of the feminist struggles that were fought along the path of women's emancipation, as the main factors that involve the social context of the Pico family related to domestic violence. In this research we worked with oral sources. Through interviews with the coordinator of the social movements (UMP) and members of the Graciones group. These interviews will give us an understanding of the social and cultural environment that belong to the victims of physical aggression, knowing the main resistance instruments used by women for their Protection against male aggression and the factors that lead to the permanence of the coexistence with aggressors. For the accomplishment of this research, we also used the information collected in the documentation of the Bulletins of Occurrence (BOs) of the year 2015 registered in the Women's Police Station, bibliographical readings in books, the reading of the Maria da Penha Law No. 11,340. With regard to the theoretical reference we use: in the female exclusion in history, Michelle Perrot; In the forgetfulness of the woman in history, Margareth Rago; Understanding the private environment we turn to Linn Hunt; The constructed ideas of masculine domination in relation to the woman Pierre Boudieu and the construction of virility, Durval Muniz de Albuquerque Júnior

**Keywords:** violence, woman and resistance.

## **LISTA DE SIGLAS**

**BO** – Boletim de Ocorrência

**DDM** – Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher

**DEAM** – Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher

**DEAMS** – Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres

**IBGE**- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MPA** – Movimento dos Pequenos Agricultores

**NUCEAC** – Núcleo Central de Estatísticas e Análise Criminal

**OMS** – Organização Mundial da Saúde

**ONGs** – Organizações Não Governamentais

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**SISBO** – Sistema de Boletins de Ocorrências

**UMP** – União das Mulheres no Piauí

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1: Descrição dos dados obtidos nos Boletins de Ocorrência na cidade de Picos-PI.....</b>	<b>28</b>
<b>Tabela 2: descrição dos objetivos do Projeto “Mulher faz cada arte”.....</b>	<b>45</b>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1 - CONHECENDO A HISTÓRIA FEMININA .....	20
1.1 A LEI MARIA DA PENHA E CRIMES DE VIOLÊNCIA FÍSICA NA CIDADE DE PICOS .....	24
1.2 DA CONVIVÊNCIA DO AMBIENTE PRIVADO AO PÚBLICO .....	33
1.3 METENDO A COLHER EM BRIGA DE MARIDO E MULHER .....	38
CAPÍTULO 2- OS MOVIMENTOS SOCIAIS PICOENSE NO COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	43
2.1 PESSOAS OU OBJETO: AS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES .....	49
2.2 O LUGAR DA MULHER NA ATUALIDADE .....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
REFERÊNCIAS .....	66

## INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é marcada por constantes notícias de conflitos relacionados ao sexo feminino. Essas notícias geralmente estão relacionadas à violência contra a mulher e constantemente são divulgadas em jornais, revistas, televisão, internet e nos ambientes sociais. Apesar disso, é perceptível o número de acontecimentos violentos que, por muitas vezes, não chegam a público, restringindo-se a casos particulares entre grupos familiares e ao ambiente do lar. Com isso, é relevante apontar que essa característica que marca a sociedade brasileira é um aspecto merecedor da atenção de toda a sociedade.

Nesse sentido, é essencial a problematização dessa temática para a sociedade, pois possibilita colocar em evidência conflitos envolvendo a dignidade de muitas mulheres, além disso, também permite a compreensão de como está sendo visto e combatidos esses conflitos na sociedade contemporânea. Este é um ponto necessário para entendermos a dinâmica entre os indivíduos que envolvem a história dessas mulheres e consequentemente a história da sociedade brasileira.

As relações de gênero entram em qualquer aspecto da experiência humana e são elementos constituintes dela. Por sua vez, a experiência de relações de gênero para qualquer pessoa e a estrutura de gênero como uma categoria social são formadas pelas interações de relações de gênero e outras relações sociais, como as de classe e raça. As relações de gênero não têm, assim, essência fixada; variam tanto dentro do tempo como além dele.<sup>1</sup>

A história sobre a mulher por muitos anos ficou restrita ao ambiente privado, onde, começou a ser alvo de estudo e se tornou público, dessa forma os estudos dos acontecimentos que envolvem os espaços que deveriam ficar escondidos aos olhares públicos, começou a ter um novo sentido, como nos coloca a autora Michelle Perrot “O privado, antes insignificante e negativo, havia se revalorizado até se converter em sinônimo de felicidade. Assumira um sentido familiar e espacial, que, no entanto, estava longe de esgotar a diversidade de suas formas de sociabilidade”.<sup>2</sup>

Os espaços privados começam a entrar nos debates e estudos, pesquisas sobre este lugar e a utilização social que é dada a esses ambientes ganham destaque. Com o estudo do

<sup>1</sup> FLAX, Jane. Pós-modernidade e as relações de gênero na teoria feminista. In. HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pós-modernidade e política**. Rio de Janeiro: Cultura. 1939, p. 221

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. Outrora, em outro lugar. **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4, tradução Denise Bottma n, partes 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17

mesmo, as mulheres, sua vida e seu cotidiano, também começam a ser considerados objetos de pesquisas. A história das mulheres era vinculada apenas ao espaço privado, sem nenhuma importância, nesse momento está começa a ter importância nas pesquisas igualmente a outros objetos de pesquisas.

Nesse trabalho pretendo analisar a violência doméstica no que diz respeito à praticada contra a mulher por seus parceiros na cidade de Picos-Piauí, e qual o impacto e as consequências que essa violência provoca na vida dessas mulheres, além disso, compreender de que forma esse tipo de episódio influência na formação de sua imagem perante a sociedade, traçando uma abordagem sobre a mulher em um ambiente marcado por constante violência física e psicológica e sua reação diante desse cenário. Pretendo ainda entender os fatores que levam a sua dificuldade em denunciar seu agressor.

Apesar de toda a história de luta por direitos de igualdade e de dignidade que envolve a mulher, ainda podemos encontrar uma imagem antiquada e atrasada em relação ao sexo feminino e como seu papel de mulher perante a sociedade pode ser entendido, uma imagem que merece muito atenção da sociedade: a ideia da mulher pertencer ao seu marido e a ele cabe todos os direitos sobre sua pessoa que marca a vida cotidiana da mulher, gerando um ambiente conturbado de violência contra sua pessoa.

Na história do Nordeste durante o século XIX, podemos ter uma noção da significação que era dada as atividades femininas desenvolvidas durante esse período, essas em sua maioria eram associadas a atividades do ambiente do lar. Quando da necessidade do desenvolvimento de alguma atividade para o sustento da família, procuravam algo relacionado a “suas atividades naturais” como fazer doces e bordados, no entanto a sua participação no sustento da família já era suficiente para descaracterizar o seu papel de mulher que deveria se destinar aos afazeres de casa e os cuidados de sua família:

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe as chamadas “prezadas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 249.

Entendemos que as relações sociais que envolvem as mulheres possuem suas significações, dependendo da época e da sociedade, onde a mesma faz parte desse processo histórico, sendo ela mesma objeto dessa história. Partindo desse pressuposto, compreender as relações conflituosas que ainda envolvem a mulher em sua história por diferenças entre os sexos é objetivo dessa pesquisa. As diferenças são representadas por Bourdieu:

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas.<sup>4</sup>

As divisões entre os sexos, homem e mulher perante o meio que cada indivíduo está inserido, muitas vezes passa por problematizações sobre a origem de divisões e organizações que são impostas ao homem e a mulher e que suas atitudes são cobradas por essa sociedade que dita aquilo a ser seguido e tido como normal. Na sociedade piauiense também não foi diferente, foram sendo colocadas características que pareciam ser normas a serem seguidas pelo nordestino:

O nordestino vai sendo desenhado por essas narrativas como este ser violento e afeito aos enfrentamentos pessoais, como este pobre rebelado contra as injustiças dos mais ricos, contra a desonra e humilhação. O nordestino é figurado por um conjunto de personagens que seus próprios nomes já trazem a marca da violência, da valentia e, às vezes, da própria crueldade e maldade, nomes marcados por metáforas fálicas, em que valentia e coragem parecem ser associadas ao masculino e sua virilidade.<sup>5</sup>

As atribuições que foram impostas ao homem nordestino foram de coragem e virilidade, aquele homem bruto que resolve seus problemas pela violência. Notamos um exagero pelos cronistas da época em retratar o homem nordestino. Não podemos tomar como condição a todos os homens que fazem parte desse meio social, mas esses traços permanecem enraizados em nossa sociedade.

Para a problematização teórica desse trabalho, utilizaremos como base leituras bibliográficas de autores que trabalham com as questões envolvendo o gênero, homens e

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maia Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 20.

<sup>5</sup> JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “**Quem é frouxo não se mete**”: **violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. Pojet. História, São Paulo, (19), nov. 1999. p. 178.

mulheres, para assim poder entender essas relações conflituosas que marcam a sociedade picoense, como as discussões dos autores Pierre Bourdieu em “A dominação masculina”, Michelle Perrot com os “Excluídos da História”, Joan Scott em “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, Adriana Piscitelli com “Gênero: a história de um conceito”, Margareth Rago em “Epistemologia feminista, gênero e história” entre outros.

Foram também utilizadas como fonte a análise dos Boletins de Ocorrência da delegacia da mulher do município no período de janeiro a dezembro de 2015, além dos depoimentos orais de pessoas que são envolvidas com essa temática, onde estes irão proporcionar uma sustentação dessa problemática.

O recorte temporal utilizado para análise desse trabalho sobre violência física no cenário atual foi do ano de 1990 a 2015. Utilizamos esse recorte temporal por possuir descrições recentes do processo de luta contra violência na cidade de Picos. Os dados disponibilizados para nossa pesquisa são os que contém informações da nossa atualidade, enriquecendo assim a mesma. Na análise dos Boletins de Ocorrências utilizamos o ano de 2015, por ser mais próximo de nossos dias, nesse sentido ao trabalharmos o processo de luta das mulheres por melhores condições, podemos avançar ou retornar a períodos que não correspondem aos anos citados.

Encontramos nos registros da Delegacia da Mulher na cidade de Picos Piauí 51 Boletins de Ocorrência correspondente à agressão física, sendo 18 da cidade de Picos e 33 das demais microrregiões como as cidades de Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Campo Grande, Itainópolis, Jaicós e outras, segundo o Núcleo Central de Estatística e Análise Criminal – NUCEAC – Dados do Sistema de Boletins de Ocorrências – SisBO.

Utilizamos o período correspondente a 2015 apenas em relação à documentação e as informações obtidas nos Boletins de Ocorrência pelo fato de ser inviável para essa pesquisa a utilização de outros períodos, pois essa documentação fica armazenada no computador da delegacia da Mulher em um Sistema Online e este é utilizado diariamente no trabalho da instituição, mas não tomamos isso como empecilho, apenas mais um obstáculo a ser superado e que torna a pesquisa desafiadora.

Essa documentação foi escolhida por ter uma datação mais recente, onde, só foi proporcionada a análise de um ano e não de outros, sendo preciso escolher determinado ano para ser analisado nesses Boletins de Ocorrências, mesmo mediante a compreensão da instituição da relevância desse trabalho em trazer para a sociedade as discussões e problemas que envolvem os indivíduos em sociedade, servindo como alvo para divulgação e

disseminação de práticas que devem ser combatidas e socializadas como algo não inerente ao ser humano.

A não utilização de outros anos possibilita novas pesquisas, os estudiosos poderão ter contato com essas fontes de outros períodos, ficando um acervo rico de fontes que ainda não foi inesgotável para novas análises em trabalhos posteriores a este, contribuindo para o enriquecimento dessa linha de pesquisa que, a cada dia, necessita de novos questionamentos que e vêm ganhando mais espaços nos ambientes acadêmicos.

A aproximação e interesse pelo tema se deu mediante um sentimento de indignação pessoal toda vez que surgia na televisão reportagens de relatos de violência física contra a mulher, onde, por muitas vezes resultava em morte trágica. Instiga o interesse em questões que envolvem o ser humano, enquanto indivíduo que convive em sociedade, buscando trazer discussões e refletir sobre relações conflituosas no ambiente do lar e também em ambiente de práticas sociais.

Com a análise da relação da mulher no ambiente doméstico com o seu companheiro, procuraremos entender por que vivendo em um ambiente de constantes agressões muitas mulheres ainda resistem em não procurar ajuda e denunciar seu agressor. Quais são os fatores que levam essas mulheres a se manter em um estado de neutralidade perante violência física!? Convivendo nesse ambiente marcado por uma relação de controle e dominação sobre sua pessoa.

Com o que foi exposto acima, vimos à necessidade da utilização da história oral, por meio de entrevistas com pessoas que trabalham diretamente com o contexto de violência contra a mulher, onde, podem nos dar uma grande contribuição e riqueza de detalhes sobre as relações de violência contra estas na cidade de Picos, dando mais viabilidade a concretização desse trabalho científico. Segundo Portelli: “[...] a coisa mais importante em trabalhar com fontes orais, no trabalho de campo, é que não se trata de trabalhar com papéis, ou com coisas, ou com animais, mas de trabalhar com seres humanos, com cidadãos, com nossos iguais”.<sup>6</sup>

Por meio de um levantamento bibliográfico sobre a violência contra a mulher, envolvendo o sexo feminino no ambiente doméstico e seu papel diante do contexto atual, como também a forma que a mulher vem sendo discutida nas temáticas de gênero, será de suma importância para o desenvolvimento desse trabalho.

Com as fontes orais, tivemos contato com entrevistas de 4 mulheres vítimas de violência doméstica. Não podemos utilizar seus nomes por proteção as mesmas, dessa forma,

---

<sup>6</sup> PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Fortaleza, CE, 13.07.2009. Transcrição de Luiz Henrique dos Santos Blune, e a partir do arquivo em áudio. Wmp. Mnemosine Vol. 6, n° 2, p.2 – 13 (2010).

foram dados sobrenomes fictícios para cada uma delas. Também fizemos entrevista com o escrivão Lennon Luiz Luz Fontes de Moura, da delegacia de Picos, com uma das integrantes do UMP Maria José Alves do Nascimento, conhecida como *Nega Mazé*, uma das integrantes do grupo Graciones Yana de Moura Gonçalves. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo buscamos trazer uma abordagem sobre os estudos envolvendo o sexo feminino e sua luta no reconhecimento por seu espaço no meio social que se restringia ao sexo masculino, sendo a mulher destinada aos espaços domésticos e os espaços públicos ao homem.

Conheceremos a Lei Maria da Penha, a sua criação e as mudanças que ela provocou no meio social após sua criação, trazendo ela para o cenário picoense com o conhecimento de casos de violência na cidade de Picos, fazendo uma discussão sobre sua atuação no combate a violência contra a mulher nessa cidade.

A história da mulher relacionada aos espaços privados, sua vida destinada aos afazeres domésticos como uma norma social destina ao sexo feminino estas funções, as relações entre homens e mulheres eram assuntos relacionados apenas aos ambientes domésticos e resolvidos dentro deles. Nos últimos séculos começam a ganhar novos rumos na sociedade como a violência doméstica que se tornou uma questão social e não apenas entre os casais. Conhecendo as relações conflituosas existentes entre homens e mulheres e os diferentes fatores que envolvem a permanência de muitas mulheres com seus agressores, como a dificuldade para a separação.

No segundo capítulo por meio dos depoimentos orais procuraremos entender como os movimentos sociais atuam na cidade de Picos no combate a violência contra a mulher e suas lutas e enfrentamento, como as principais dificuldades nesse processo encontradas em ambiente social, suas principais conquistas e tudo que ainda se precisa conseguir conquistar para um atendimento de qualidade a essas mulheres vítimas de agressões e principalmente que as torne cada vez mais protegidas de seu agressor, como também uma atuação mais eficiente no combate à violência contra a mesma.

De acordo com pesquisa bibliográfica, analisaremos como as pessoas conhecem a si mesmas enquanto seres humanos, sua atuação de manter o outro enquanto sujeito pertencente a sua vida, em uma análise como os sujeitos veem a si mesmo em uma relação a dois, mantendo poder ou controle sobre a vida do outro indivíduo, independente de homem ou mulher, ideia dos indivíduos em relação ao outro de pertencimento como se fossem parte de seus bens “objetos”.

Traçar um perfil da mulher na atualidade, como suporte para essa abordagem a utilização de uma leitura bibliográfica sobre os novos papéis femininos, como mães, dona de casa e trabalhadoras, entendendo como a vida feminina ao meio social mudou de comportamento ao longo dos séculos, traçar um perfil dessa nova mulher moderna tomando suas próprias decisões e as batalhas travadas diariamente por seu espaço na sociedade e fazer indagações sobre as contradições de vida e padrões de comportamentos que ainda estão vinculados como a mulher dona de casa e ao ambiente privado.

## CAPÍTULO 1 - CONHECENDO A HISTÓRIA FEMININA

O estudo sobre as mulheres surgiu por meio de uma grande luta travada pelas historiadoras feministas a partir dos anos 60, no esforço em tentar trazer e introduzir na historiografia estudos voltados para os problemas que envolviam o ambiente feminino e que os grandes historiadores tendiam em deixar à margem, ou melhor, esquecidos e apagados. Por muito tempo tudo que se referia ao contexto feminino ficava de lado, era como se não existisse, a mulher não era considerada personagem e nem fazia parte da história:

Da História, muitas vezes a mulher é excluída... o “ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história do masculino. Os campos que abordam são os da ação e o do poder masculino, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral.<sup>7</sup>

Como podemos perceber, o gênero surge em seu primeiro momento entrelaçados para atender problemas relacionados ao esquecimento da história feminina, mas ele também vai começar a englobar discussões relacionadas aos campos que envolvem a diversidade de gênero e não só as discussões femininas, pois o que precisa ficar claro para o leitor é que o gênero não se restringe apenas às discussões femininas, mas outras áreas que envolvem os seres humanos.

As pesquisadoras feministas assimilaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria propor igualmente impor um reexame das premissas e dos critérios dos trabalhos científicos existentes. (...) A maneira pela qual essa nova história iria, por sua vez, incluir a experiência das mulheres e dela dar conta dependia da medida da qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise.<sup>8</sup>

Foram muitos anos de discussões historiográficas sobre as temáticas envolvendo a exclusão do gênero, tudo nasce por algum motivo, as concepções e debates envolvendo os estudos das mulheres também não poderiam ser diferentes. As pesquisadoras queriam seu espaço nas discussões sobre assuntos tidos como desnecessários, mas apesar de toda essa luta,

---

<sup>7</sup> PERROT, MICHELLE. **Os excluídos da história**. Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988. p. 185

<sup>8</sup> SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 73

não podemos colocar como acabada, pois ainda encontramos resquícios preconceituosos em relação aos estudos envolvendo as mulheres:

No momento atual, a discriminação das mulheres continua existindo, particularmente quando se trata de mulheres pobres e/ou negras e/ou do "Terceiro Mundo". Entretanto, a discriminação de gênero atinge também homossexuais, transexuais e travestis, sujeitos à violência, a agressões e assassinatos por conta de sua identidade de gênero.<sup>9</sup>

As discussões envolvendo o gênero são gritantes e na maioria das vezes problematizadas como discussões de menor valor histórico, incapazes de problematizações satisfatórias ao campo historiográfico, deixando o pesquisador dessa área muitas vezes desestimulado e preocupado com as discussões e os rumos que estão tomando os estudos de gênero e a importância que o mesmo deveria ter para os estudiosos da história e toda a sociedade, acabando por se tornar temas soltos da historiografia.

Trabalhar com a temática sobre o universo feminino não é uma tarefa fácil para o historiador, pois é um campo que necessita de muita garra por parte do pesquisador, que se encontra ainda muito restrito e pouco abrangente, ficando o mesmo à mercê de muitas críticas sobre seu ideal historiográfico. Por abordar a história renegada por muitos anos pelos historiadores, o campo destinado ao gênero se restringia a conteúdos vinculados a problemas entre o gênero e muitas vezes sendo colocado como um ramo fragmentado da história, ficando destinado as feministas fazerem a sua própria história, como se a mesma fosse feita de partes e não de um todo.

É evidente que o esquecimento, abandono, dissimulação, ou como queiramos dizer, da mulher como sujeito ativo em tão grande parte da historiografia não contribuiu de nenhuma maneira a proporcionar uma escrita histórica satisfatória, senão que ao contrário contribuiu a assentar a história como discurso ideológico das classes dominantes.<sup>10</sup>

Por muito tempo a historiografia foi destinada aos estudos de grandes acontecimentos da história mundial, dos grandes atos políticos. As particularidades existentes na história não apareciam nessas discussões dos grandes fatos históricos, o domínio de uma classe sobre as demais ficava evidente por uma historiografia das classes dominantes. Foi

---

<sup>9</sup> PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: Almeida, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009, p. 145.

<sup>10</sup> MARGARETH RAGO. **Epistemologia feminista, gênero e história**. Descobrimo historicamente o gênero. Disponível < [www.cntgaliza.org](http://www.cntgaliza.org) > acesso em 18 de novembro de 2016.

necessária a entrada das feministas nos ambientes acadêmicos, a partir da década de 60 para se começar as discussões de temas considerados inferiores aos estudos históricos.

Escrita fundamentalmente por homens, a narrativa histórica se absteve de incorporar às suas preocupações o sujeito feminino. Este silêncio não foi uma prerrogativa da historiografia brasileira ou latino-americana, mas atitude constante inclusive em países como Estados Unidos e França, onde a busca pelos direitos da mulher e o reconhecimento da condição feminina se deu mais cedo do que entre nós.<sup>11</sup>

Parece que os estudos femininos só cabiam às pesquisadoras feministas. A historiografia ainda tem muito que abrir seus olhos para o longo caminho que vem sendo percorrido pelo campo historiográfico, entender que todas as áreas históricas são dignas e merecem a atenção de toda uma comunidade de pesquisadores, pois a beleza da história está justamente em suas características diversificadas sobre os estudos dos seres humanos e não apenas de suas particularidades.

As mulheres ficaram por muito tempo fora do campo historiográfico, isso pode ser explicada por muitos fatores, entre eles a condição feminina de submissão que foi imposta por muito tempo, ditando tudo aquilo que deveria ser correto e errado na vida das mulheres, as normas e condutas de comportamento feminino é uma discussão que faz parte da história das mulheres.

O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera. Além disso, se consideramos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma **nova linguagem**.<sup>12</sup>

A história feminina parecia está mergulhada em um mar de profundezas, pois os estudos que se tinham em épocas antigas sobre o universo feminino eram produções masculinas e as ideias que eram escritas sobre as mulheres eram concepções do que eles entendiam sobre o universo feminino. A escrita era dominada pelo meio masculino, agora se tenta reformular as explicações que foram por muito tempo imposto sobre sua pessoa. “Françoise Frontisi-Ducroux, ao final de um estudo cativo sobre “o sexo do olhar”, conclui de

<sup>11</sup> SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil**. Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

<sup>12</sup> RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. Joana; Grossi, Miriam (orgs.)-MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998 (grifo nosso).

maneira ainda mais radical que é praticamente impossível, para essas épocas antigas, alcançar o olhar das mulheres, pois elas são “construção do imaginário dos homens”.<sup>13</sup>

Uma das principais preocupações de muitas historiadoras era com o reconhecimento historiográfico de sua história negada. “Não foi suficiente para os (as) historiadores (as) provarem que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental.”<sup>14</sup> A história feminina começa a ganhar novos campos de pesquisa.

De qualquer forma, foi ficando muito claro que vivíamos uma profunda mutação no campo do conhecimento e que esta não provinha apenas das problematizações levantadas pelo feminismo. De vários lados, do “pensamento da diferença”, da psicanálise, do novo historicismo, entre outras correntes críticas do pensamento, emergia a crítica à razão, ao sujeito universal e à lógica da identidade.<sup>15</sup>

As mulheres procuram fazer sua história e uma identidade histórica feminina, como se elas não fizessem parte da mesma, mas na verdade a mulher tinha pouco acesso aos estudos masculinos, como para o homem a história das mulheres não tinha importância. Estudar os fatos heroicos realizados pelos homens parecia ideal, pois as mulheres não apresentavam significações históricas para muitos, apenas faziam parte do mundo, como os demais animais faziam, a sua introdução na história parecia não ser de relevante para a historiografia.

A descoberta de que as mulheres possuíam uma história e que valia a pena procurar por ela, resultou, assim, dos próprios questionamentos que elas, num determinado momento de suas vidas, fizeram acerca de si próprias, rejeitando uma estrutura de supremacia masculina solidamente aceita e negando a ideia clássica da inferioridade do sujeito feminino.<sup>16</sup>

A história feminina aos poucos começa a ser aceita pelos historiadores, mas isso não significa que as ideias entre eles não se divergem. Ligados a determinadas áreas de pesquisas, os historiadores procuram dar aceitabilidade a suas próprias pesquisas, numa

<sup>13</sup> PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007. p. 24.

<sup>14</sup> SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 1989. p. 06.

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. p. 90.

<sup>16</sup> SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajatória da historiografia das mulheres no Brasil**. Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, 2008, p. 225.

disputa de um lado e de outro na busca de credibilidade e importância no campo historiográfico.

Acreditamos que a história se apresenta por suas complexidades de temas a serem pesquisados e que determinados temas não se mostram, nem mais, nem menos relevantes do que o outro. O importante é a integração deles e não a segregação histórica, onde, cada um possui sua importância histórica para o conhecimento de nossa história.

O problema que vem sendo colocado por muitos historiadores/as é os estudos e pesquisas que envolvem as mulheres e a crítica aos vários campos de pesquisa que se destinam ao universo feminino, pois estudar as mulheres não diz respeito a um grupo fechado, mas as categorias que estas se colocam. As mulheres são múltiplas, a história da mulher negra, suas lutas, das pobres, das vinculadas ao lar, entre tantas outras, mas isso é mais percebido no campo de pesquisa feminino, sendo que no estudo sobre os homens também há essa diversidade de personagens.

Ainda falta muito a ser problematizado entre os historiadores, pois os resquícios de uma história esquecida dos excluídos ainda não foi totalmente superada, o preconceito envolvendo essas temáticas ainda existem na atualidade, notamos isso por meio dos estudos envolvendo o gênero, ficando em sua maioria a margem das pesquisas consideradas mais relevantes para a sociedade e para a história.

## **1.1 A LEI MARIA DA PENHA E CRIMES DE VIOLÊNCIA FÍSICA NA CIDADE DE PICOS**

Foi através da luta travada pelas mulheres durante muitos anos e, principalmente, nas últimas décadas por causa do grande índice de violência que, a cada dia, vinha se agravando contra a mulher que, finalmente, se conseguiu a aprovação da Lei Maria da Penha, criando ações protetivas às mulheres em situações de violências e risco de vida, se tornando uma questão social e de proteção do Estado.

A violência física e até mesmo mortes de mulheres, nem sempre foi um crime punido severamente. Os atos de violência ao chegarem aos tribunais muitas vezes eram justificados pelo homem como cometido para defesa de sua honra, sendo colocada a mulher como responsável pela violência ao qual foi submetida, com a descaracterização de sua imagem diante dos tribunais.

O ato de violência contra a mulher era considerado normal diante da sociedade nas palavras da autora Michelle Perrot “Bater na mulher e nos filhos era considerado um meio normal, para o chefe de família, de ser o senhor de sua casa – desde que o fizesse com moderação”<sup>17</sup> práticas consideradas normais e que tinha suas normas de boas maneiras de agressão devendo ser praticada moderadamente.

Foi somente com a entrada em vigor da Lei Maria da Penha (nome dado a uma legislação brasileira) que muitas dessas histórias sobre casos de violência contra a mulher começaram a ganhar o direito de defesa sobre seu agressor perante a Lei, sendo combatidas com denúncias e com execução penal. Apesar de ser bastante conhecida, nos perguntamos se realmente as pessoas sabem a origem dela e como funciona na prática?

A Lei surgiu após muitos anos de luta de uma mulher contra os maus-tratos de seu marido. Em 1983, a biofarmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, então com 38 anos, morava no Ceará e, enquanto dormia, levou um tiro de seu companheiro e ficou paraplégica. Após duas semanas outra tentativa de assassinato dessa vez durante o banho com eletrochoque e afogamento. Após várias tentativas de assassinato por seu marido, Marco Antonio Heredia Viveiros, ela resolveu fazer uma denúncia contra seu agressor, mas apesar das agressões ele conseguiu ficar em liberdade.

Até que, 18 anos depois, já em 2001, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) acatou as denúncias, feitas em 1998, pelo Centro para a Justiça e o Direito Internacional (CEJIL/Brasil) e pelo Comitê Latino- Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM, seção nacional). A Comissão publicou o Relatório nº 54 responsabilizando o Estado Brasileiro por negligência e omissão em relação à violência doméstica, recomendando várias medidas no caso específico de Maria da Penha e a revisão das políticas públicas vigentes no âmbito da violência contra a mulher.<sup>18</sup>

Apesar de ser uma lei brasileira, foi graças à atuação de entidades exteriores que se conseguiu um atendimento a esse caso que marcou o início de uma grande construção de lutas pelos direitos femininos, havendo mais igualdade e justiça perante os crimes que são cometidos contra sua pessoa, em uma sociedade marcada pela presença frequente de conflitos

<sup>17</sup> PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007. p. 77.

<sup>18</sup> CFEMEA. **Lei Maria da Penha: Do Papel para a Vida**. Comentários à Lei 11.340/2006 e sua inclusão no ciclo orçamentário. 2ª ed. Gráfica Brasil, 2007, p. 12. Disponível em: <[http://br.boell.org/downloads/leimariadapenhadopapelparaavida\\_2edicao.pdf](http://br.boell.org/downloads/leimariadapenhadopapelparaavida_2edicao.pdf)>. Acesso em: 22 novembro de 2016.

entre homens e mulheres, e onde, na grande maioria as mulheres são as vítimas, sendo por muitas vezes agredidas brutalmente pelo sexo oposto.

Na nossa Constituição Federal, a Lei N° 11.340, de 7 de agosto de 2006, entra em vigor em setembro do mesmo ano, assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em seu primeiro artigo ficou decretada as seguintes normas para a proteção da mulher em situação de violência.

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.<sup>19</sup>

Realidade vivenciada durante muitos anos de maus tratos cometidos por seu marido, Maria da Penha Maia Fernandes, foi um caso particular de sofrimento que chocou toda uma sociedade pela crueldade cometida contra a mulher, mas também uma realidade terrível que caracteriza a vida de muitas mulheres, não só em nossa sociedade, mas em todo o mundo.

A violência doméstica pode acontecer com qualquer mulher. Rica ou pobre, branca ou negra, jovem ou idosa, com deficiência, lésbica, indígena, vivendo no campo ou na cidade, não importa a religião ou escolaridade – toda mulher pode sofrer esse tipo de agressão.<sup>20</sup>

Neste trabalho não temos a intenção de falar sobre uma determinada classe ou grupo social que sofre agressão doméstica, mas uma reflexão em torno de qualquer mulher que sofre agressão física por seu companheiro, mas sabemos que o estudo sobre as mulheres abarca uma abordagem mais ampla e categoricamente diversificada, mas aqui vamos tratar que as mulheres ainda estão no centro das discussões sobre a violência doméstica com seus companheiros.

A violência doméstica não se aplica apenas nas relações entre companheiros, marido e mulher, ela se aplica a agressão entre mulheres, seja agressão da sogra com a nora

<sup>19</sup> Ver Lei n° 11.340, de 7 de agosto de 2006 na Constituição Federal.

<sup>20</sup> BRASÍLIA. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Viver sem Violência é direito de toda mulher** – Entenda a Lei Maria da Penha. Presidência da República. Brasília, 2015, p 6.

ou ao contrário, de irmãs, de irmão contra irmã, membros familiares, qualquer violência que envolva um indivíduo feminino é enquadrada na Lei Maria da Penha.

Não podemos falar em violência contra a mulher e esquecer-se de refletir sobre as lutas travadas pelas transexuais e transgêneros em modificar a Lei Maria da Penha. Encontra-se em tramitação na Câmara dos Deputados uma lei que modica as normas do “Art. 5º Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual *e se aplicam às pessoas transexuais e transgêneros que se identifiquem como mulheres.*”<sup>21</sup>

Com essa modificação na Lei, fica protegido todo aquele que se denomine do sexo feminino, então, pois a violência doméstica atinge o gênero que se encontra em vulnerabilidade e podendo este ser este mais uma vítima de violência, incluindo os transexuais e transgêneros, independente de quem as cometa, mas essa é uma discussão para outro futuro trabalho.

A violência doméstica se apresenta por sua diversidade de prática, contudo, na maioria das vezes achamos que só se deve fazer uma denúncia em caso de agressão física, mas perante a lei existem outros tipos de violência que são praticados contra a mulher, além da violência física, psicológica, temos a violência sexual, a violência patrimonial e a violência moral.

De acordo com as informações obtidas na Lei Maria da Penha, podemos ver que no contexto picoense ela tem suas limitações, não abrangendo todos os requisitos propostos para sua concretização, falta estrutura que atenda as vítimas de violência com mais dignidade diante de seu sofrimento e da exposição de sua vida diante de pessoas desconhecidas pela vítima, momento constrangedor para uma mulher que foi agredida. Como nos relata o escrivão da delegacia da cidade de Picos:

Aqui na delegacia nós não dispomos de uma estrutura que é prevista na lei Maria da Penha, que é previsto medidas de acolhimento, nós não dispomos ainda, mas tem muitos órgãos na cidade que eles trabalham com isso, geralmente existe um acompanhamento do conselho tutelar, também tem o núcleo Maria da Penha no fórum que possuem pessoas que fazem um acompanhamento familiar para essas pessoas que estão enfrentando violência doméstica.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> PROJETO DE LEI PL 8032/2014. Portal. EBC.

Disponível <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=623761>> Acesso em 08 de janeiro de 2017.

<sup>22</sup> MOURA, Lennon Luiz luz fontes de. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 20 de outubro de 2016

A Lei Maria da Penha propõe uma mudança nos comportamentos sociais, buscando a concretização dos direitos femininos adquiridos, ultrapassando um passado que aceitou por muito tempo a subordinação e o espancamento feminino como algo natural na relação dos casais, sendo considerado como uma relação conflituosa que só dizia respeito aos envolvidos nos atos de agressão no ambiente privado, ficando a esfera pública distante dessas questões femininas.

Diante disso, tenta-se superar a ideia que por muito tempo conviveu no discurso popular que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Violência é uma questão social que atinge e afligem os direitos humanos, as mulheres têm seus direitos de proteção de sua pessoa garantidos por lei, mas infelizmente nem todas procuram e lutam pela concretização do que lhes é direito. A omissão ainda é frequente na vida da mulher:

No Brasil, a partir da década de 1980, foram criados os primeiros serviços de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica, após a influência e atuação dos movimentos de mulheres e feminista na publicitação da violência contra as mulheres. Os primeiros serviços a serem criados foram as delegacias, posteriormente os abrigos, que surgiram também pela necessidade de segurança após a denúncia da violência sofrida.<sup>23</sup>

Na cidade Picos temos a Delegacia da Mulher, localizada na Avenida Severo Eulálio, Bairro Canto da Várzea, nº 906, nela são registrados os Boletins de Ocorrências por meio de um Sistema Online, estes ficam armazenados no computador da delegacia, por meio do contato com os mesmos podemos ter uma noção de como são registrados os BOs e suas características, encontramos nesse registro 18 Boletins de Ocorrência sobre violência física do ano de 2015 que serão descritas suas informações na tabela abaixo.

**Tabela 1: Descrição dos dados obtidos nos Boletins de Ocorrência na cidade de Picos-PI.**

<b>Boletins de Ocorrência</b>	<b>Data do registro</b>	<b>Idade das Vítimas</b>	<b>Bairros</b>	<b>Descrição da violência</b>
1º BO	29 de março de 2015	28 anos	Canto da Várzea	Lesão corporal e ameaça de morte, por meio de socos, chutes e ameaça com uma arma de fogo.
2º BO	29 de março de	28 anos	Mirolândia	Lesão corporal com agressões

<sup>23</sup> SILVA, Juliana Medeiros da. **Atendimento às mulheres em situação de violência doméstica: análise de uma casa abrigo.** Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

	2015			pelo corpo, o motivo traição do companheiro.
3° BO	28 de abril de 2015	20 anos	Boa sorte	Lesão corporal, agressão e ameaça de morte por ciúmes da companheira.
4° BO	29 de abril	27 anos	Morrinhos	Lesão corporal, o companheiro arrastou pelo chão, o motivo à mulher pediu para comprar um remédio para o filho que estava doente.
5° BO	18 de maio de 2015	45 anos	Povoado Oites	Agressão física com socos no rosto, o marido estava embriagado.
6° BO	25 de maio de 2015	23 anos	Junco	Agressão física com socos e tapas pelo corpo.
7° BO	20 de agosto de 2015	20 anos	Morro da Macambira	Lesão corporal, socos, tapas e arrastou a vítima pelo chão.
8° BO	06 de outubro de 2015	30 anos	São Vicente	Lesão corporal, ameaça, danos ao patrimônio, violência com socos na cabeça, braços, puxões de cabelo e quebra de objetos na residência.
9° BO	19 de outubro de 2015	51 anos	Morro da Macambira	Lesão corporal, agressão física e ameaças por parte do companheiro.
10° BO	25 de outubro de 2015	38 anos	Povoado Bocoló	Lesão corporal, agressão física com socos e chutes pelo corpo.
11° BO	01 de novembro de	20 anos	Povoado três Potes	Lesão Corporal, agressão física com socos no rosto da

	2015			vítima.
12° BO	07 de novembro de 2015	23 anos	Vila Barrão	Lesão corporal e ameaça, agressão física com socos no rosto e ameaça de morte
13° BO	09 de novembro de 2015	23 anos	Junco	Lesão corporal e ameaça, agredida duas vezes, ameaça de morte com uma faca.
14° BO	24 anos 10 de novembro de 2015	24 anos	Bomba	Lesão corporal, agressão física e ameaça de morte.
15° BO	16 de novembro de 2015	36 anos	DNR	Lesão corporal, agredida com um pedaço de madeira, ficando a vítima reconfigurada, por motivo de ciúmes.
16° BO	15 de novembro de 2015	44 anos	Ipueiras	Lesão corporal, agredida com um capacete, motivo à vítima não deu dinheiro para comprar cigarros e bebida.
17° BO	23 de novembro de 2015	24 anos	Malvinos	Lesão corporal, a vítima foi agredida com um soco nas costas.
18° BO	23 de novembro de 2015	24 anos	Malvinos	Lesão corporal, a vítima foi agredida com um soco nas costas.

Fonte: Núcleo Central de Estatística e Análise Criminal – NUCEAC – Dados do Sistema de Boletins de Ocorrências – SisBO

Podemos perceber que as informações contidas nos Boletins de Ocorrências são bastante resumidas. Acreditamos que deveria ser colhida mais informações para se colocar em um documento tão importante, pois pelos dados resumidos em todos os Boletins dar a entender que são informações superficiais, muitas vezes colhidas através do depoimento da vítima de forma rápida e sem a devida atenção aos detalhes.

Fazendo uma análise dos Boletins de Ocorrência na cidade de Picos, notamos que alguns números merecem nossa atenção e reflexão. Considerando a população da cidade, aproximadamente 76.544 habitantes (Censo Demográfico IBGE 2015),<sup>24</sup> os registros de boletins encontrados no ano de 2015 em relação aos casos de agressão doméstica contra a mulher são considerados baixos. Apesar disso, percebemos através das entrevistas feitas com vítimas e através de pessoas ligadas a grupos de apoio que o número de agressões contra as mulheres é alto.

Essa contradição se dá pelo fato de que, muitas mulheres agredidas não procuram os órgãos oficiais para registrarem a agressão sofrida. Essa omissão faz com que os números oficiais apresentem uma realidade distorcida, além disso, faz com que muitos agressores não sejam punidos.

A falta de denúncias é um fato social que existe na sociedade brasileira. Por inúmeros motivos a mulher não denuncia seu agressor, seja pela família ou por medo, os motivos existem, pois, o fato de haver poucos registros não significa que não aconteçam mais atos de violência na cidade. Por esse baixo índice, acreditamos que muitas mulheres deixam de denunciar seu agressor por algum motivo, dificultando a punição do mesmo.

Esses dados foram os que puderam nos disponibilizar na delegacia, não nos ofereceram o nome das vítimas pela ética profissional em manter a imagem dessas mulheres em segredo e pela proteção das vítimas, pois por serem casos recentes a divulgação dos nomes das vítimas poderia estar colocando-as em risco. Essa medida é uma forma de zelar pela segurança da pessoa.

Em contato com os Boletins de Ocorrência temos a oportunidade de entrar em contato com os tipos de violências cometidos contra as mulheres, entendendo a conflituosa relação de violência doméstica e suas particularidades, observando como as descrições dos relatos dessa violência contra a mulher na cidade de Picos são registradas nos Boletins de Ocorrência.

As mulheres agredidas podem ser caracterizadas, pelas descrições feitas nos BOs, como jovens entre 20 e 30 anos, geralmente ameaçadas de morte, além da agressão física. Talvez esses dois fatores somados possam ser o motivo da procura por proteção policial. Ciente que pode perder a vida a qualquer momento pode ser o impulso para a procura de proteção.

---

<sup>24</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: **História e dados geográficos**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/panel.php?codmum=220800>. Acesso 10 novembro de 2016.

Em relação aos bairros, não encontramos predominância de violência em nenhum bairro da cidade, constatamos que há uma grande diversidade espacial com relação às agressões, apenas dois bairros aparecem com dois registros, o Bairro Junco e o Morro da Macambira, sendo os dois últimos registros do Bairro Malvinas se apresenta como o mesmo registro são complementos de um só registro de agressão, se tornando um mesmo registro de uma vítima, mas que ficaram registrados dois Boletins separados.

Um fator muito importante que podemos tirar desses Boletins é em relação à idade das vítimas, sendo sua maioria mulheres jovens, uma idade considerada baixa. Fica entendido como o começo de uma relação que já demonstra descontrole e com a presença de violência entre os casais considerados jovens, mas violência não tem idade, levando para outro lado também pode ser entendido que os jovens têm mais acesso aos conhecimentos de seus direitos perante a lei.

Na descrição dos Boletins de Ocorrência, em alguns casos notamos que nos depoimentos das vítimas há a utilização de algumas palavras para justificar o ato da agressão por seus companheiros, sendo em sua maioria a utilização da desculpa do ciúme e de bebidas alcoólicas. No 3º Boletim podemos ver claramente pela descrição da violência “agressão e ameaça de morte por ciúmes da companheira”, no 5º BO “o marido estava embriagado”<sup>25</sup>.

A utilização da violência por meio de motivos banais, como podemos observar no registro do 4º Boletim, onde, a vítima foi agredida só por que pediu para o marido comprar um remédio para o filho que estava doente, deixa evidente que muitos casos acontecem sem agressão por parte da vítima, mas apenas pelo prazer de fazer o outro sofrer.

Temos uma percepção das relações de violência entre homem e mulher nas suas relações em momentos que ocorre agressão física. São agressões banais, apenas o fato da mulher comunicar ao companheiro algo que está faltando em casa, ou mesmo sem falar nada, o ato da violência é para muitos homens a maneira de expressar o que para eles é sua virilidade.

A teoria da mulher como sexo frágil foi reforçada por muito tempo na história em relação às mulheres, mas que vem sendo desconstruídas pelas novas discussões sobre o sexo feminino. As relações seriam diferentes se a ideia sobre o outro fosse de respeito e vendo o mesmo como um ser que faz parte de seu mundo e que é igual a você, não podendo ter o direito de praticar violência sobre o outro, as conversas seriam marcadas pelo dialogo e não

---

<sup>25</sup> Dados do Sistema de Boletins de Ocorrências – SisBO.

por discussão, algo que deveria ser natural ao ser humano e não seria necessárias leis para punir agressores.

As relações entre os indivíduos e suas atitudes são construções sociais, a violência é uma construção social que precisa ser reconstruída, o que estamos tentando mostrar nessas palavras é que do mesmo jeito que foi produzida historicamente a violência doméstica, não nascemos sabendo o que é violência aprendemos durante a vida, então ela também pode ser desfeita e desconstruída socialmente.

## 1.2 DA CONVIVÊNCIA DO AMBIENTE PRIVADO AO PÚBLICO

De acordo com os Boletins de Ocorrência pesquisados do ano de 2015, podemos fazer uma análise sobre a mulher no contexto urbano de Picos em relação a sua vivência com atos de violência e como nossa sociedade vem trabalhando no combate a essas práticas machistas que marcam o cotidiano e a vida de muitas mulheres, não só na sociedade picoense, mas no Brasil e nas diversas sociedades pelo mundo.

As relações entre os membros familiares e entre marido e mulher só dizia respeito aos membros do ambiente privado. Por muitos anos os assuntos relacionados ao ambiente do lar ficavam restritamente e exclusivamente destinados ao ambiente privado. “As fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram. Elas mudam com o tempo. Sua evolução, a fragilidade do seu equilíbrio, a tendência global à privatização com fases alternadas de “público” e “privado” são uns dos principais temas de reflexão contemporânea”.<sup>26</sup> Os espaços privados destinados ao fechamento dos membros familiares estavam com seus dias contados:

O século XVIII havia apurado a distinção entre o público e o privado. O público tinha se desprivatizado até certo ponto, apresentando-se como a “coisa” do Estado. O privado, antes insignificante e negativo, havia se revalorizado até se converter em sinônimo de felicidade. Assumira um sentido familiar e espacial, que, no entanto, estava longe de esgotar a diversidade de suas formas de sociabilidade.<sup>27</sup>

As concepções do ambiente privado dizem respeito aos cômodos das residências e ao lar, o núcleo familiar, os assuntos desenvolvidos nesse ambiente deveriam ficar

<sup>26</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988. p. 176.

<sup>27</sup> PERROT, Michelle. **Outrora: Revolução Francesa e Vida Privada**. In: Michelle Perrot (Org.). História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4, tradução Denise Bottman, partes 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 14.

exclusivamente guardado nele, já os assuntos da rua como os negócios da esfera pública é um ambiente considerado masculino, o espaço da rua é destinado aos assuntos masculinos e o ambiente doméstico destinado aos cuidados femininos, uma tarefa que foi destinada e pertencente às mulheres.

Esta interpretação limita o conceito de gênero à esfera da família e à experiência doméstica e, para o historiador, ela não deixa meios para ligar esse conceito (nem o indivíduo) a outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder. Sem dúvida está implícito que os arranjos sociais que exigem que os pais trabalhem e as mães executem a maioria das tarefas de criação das crianças estruturam a organização família.<sup>28</sup>

A mulher tinha uma função muito importante no ambiente doméstico, pois esta era responsável pelas tarefas desse ambiente e principalmente a harmonia do lar, cuidar da casa, deixando ela sempre agradável ao seu marido ao chegar cansado do trabalho, os filhos sempre deveriam estar limpos e bem arrumados. A mulher era responsável pela alimentação familiar, precisando entender de uma boa alimentação saudável para o seu marido e sua família.

O patriarcado, termo utilizado para descrever o ambiente de dominação e subordinação feminina no ambiente doméstico, marcado pela figura central masculina detentora de poderes sobre as normas e condutas a serem seguidas no ambiente familiar em relação a uma imagem feminina destinada a atender as exigências de uma pessoa dominadora e possuidora dos poderes sobre sua existência, foi por muito tempo reproduzido.

O sistema do patriarcado é um modelo utilizado para caracterizar as relações de dominação dos homens sobre as mulheres, apoderando-se de teorias para expor a inferioridade feminina e justificar esse processo de dominação durante muito tempo. “Pouco a pouco, as hipóteses explicativas sobre as origens da opressão feminina foram sendo questionadas ao mesmo tempo que se busca ferramentas conceituais mais apropriadas para que essa opressão perdesse o caráter de algo natural e imutável”.<sup>29</sup>

Um dos pontos principais para essa justificação do domínio masculino em relação ao feminino é segundo o pensamento masculino que o papel da mulher é de gerar filhos (a maternidade) e cuidar deles, como os afazeres domésticos, mas a ideia que a mulher deve ser a “dona de casa” é também fruto do imaginário feminino, pois isso foi introduzido no seu

<sup>28</sup> SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, p. 81.

<sup>29</sup> PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: Almeida, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009, p. 133.

universo de tamanha maneira que se tornou legítimo perante suas ações enquanto mulher ao pensar que são as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas.

A autora Simone de Beauvoir no livro “O segundo sexo” faz toda uma problematização para entender o domínio masculino sobre o feminino. Ela de início se utiliza da biologia para descrever as distinções biológicas entre os sexos, disciplina que foi utilizada para proporcionar a discussão de diferenciação entre os indivíduos e que a autora problematiza como marco para os homens colocar a mulher como ser inferior:

MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo.<sup>30</sup>

Ao contrário do que se pensa, que as características físicas entre os seres humanos podem dar credibilidade as diferenças sociais entre homens e mulheres estão enganados, a autora Simone de Beauvoir nos mostra que os seres são complementos um do outro, o fato da distinção entre o homem e a mulher biologicamente não explica por que existe essa diferenciação social entre os dois sexos. Outros autores trabalham com teorias para justificar essas diferenças como nos mostra Joana Scott:

As teóricas do patriarcado têm dirigido sua atenção à subordinação das mulheres e encontrado a explicação dessa subordinação na “necessidade” masculina de dominar as mulheres. O princípio da continuidade gerencial restaura a primazia da paternidade e obscurece o trabalho real e a realidade social do esforço das mulheres no ato de dar à luz.<sup>31</sup>

As concepções para o enraizamento da mulher vinculada ao ambiente do lar se deram pela utilização das características físicas para diferenciar o homem da mulher, as atividades que são destinadas ao homem e a mulher são justificadas por características biológicas, o homem é forte fisicamente, capaz de realizar trabalhos com a força bruta, preparado para o convívio público e a mulher um indivíduo frágil, delicado que só poderia ser capaz de cuidar das crianças e das atividades do lar, do ambiente privado.

<sup>30</sup> BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1960. p. 25

<sup>31</sup> SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 77

A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho.<sup>32</sup>

A ideia de separação entre os sexos se dar no momento em que é colocado entre os indivíduos papéis sociais, e são eles que vão dizer o que cada um vai fazer, e sacralizamos como algo natural pertencente a sociedade. “Em algumas sociedades indígenas, por exemplo, a atividade de tear é vista como feminina; noutras, como masculina. Isso acontece não há nada naturalmente feminino e masculino”.<sup>33</sup>

A nossa sociedade é marcada pela representação do patriarcado no ceio familiar, no nordeste esse modelo de família se torna ainda mais forte com a imagem do homem sendo constantemente reafirmada pela sociedade com essa representação do valente, corajoso, se tornando assim a figura do nordestino, como aquele que resolve tudo por meio da força bruta, essa invenção é representada por meio das palavras de Durval Muniz de Albuquerque:

O nordeste é uma sociedade onde a coragem, o destemor e a valentia pessoal inda influenciaria no *status* social dos indivíduos, no respeito que este teria do grupo, daí a necessidade permanente de provar sua masculinidade, sua macheza, pela realização de atos dignos de coragem<sup>34</sup>.

Cada sociedade ou civilização possui sua organização social e como cada membro é visto pelos demais são particularidades de cada local, as atividades desenvolvidas por homens e mulheres não são necessariamente iguais em todos os meios, as construções sobre o que entendemos por sua imagem enquanto homens e mulheres e sua relação social depende da construção social de cada um.

A sociedade nordestina se manteve presa por muito tempo a excluir a mulher dos estudos, até mesmo das primeiras letras, condição de vida ao espaço privado parecia algo natural até algumas décadas atrás, a formação da mulher como boa dona de casa e aprender as atividades do lar era mais importante que os estudos que eram destinados aos homens da família, Falci nos mostra isso:

---

<sup>32</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maia Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 20

<sup>33</sup> PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: Almeida, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berleandis e Vertechia, 2009, p. 127.

<sup>34</sup> JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “**Quem é frouxo não se mete**”: **violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. Pojet. História, São Paulo, (19), nov. 1999. p. 182.

Não estudaram as primeiras letras nas escolas particulares dirigidas por padres e não foram enviadas a São Luís para o curso médio, nem a Recife ou Bahia, como ocorria com os rapazes de sua categoria social. Raramente aprendiam a ler e, quando o fizeram, foi com professores particulares, contratado pelos pais para ministrar as aulas em casa. Muitas apenas aprenderam as primeiras letras e aprenderam a assinar o nome.<sup>35</sup>

A construção social de cada lugar depende das representações que os indivíduos constroem em relação às características daquele ambiente, dependendo da localidade e da época dos envolvidos. Nesse sentido podemos ter um significado dessas ideias por meio das palavras da autora Adriana Piscitelli:

O segundo sexo é considerado precursor do feminismo da "segunda onda", protagonizado por grupos organizados de mulheres, em diversas partes do mundo, a partir da década de 1960. Várias das ideias presentes nesse livro serão retomadas por vertentes que, embora diversas, compartilham algumas concepções centrais. Em termos políticos, consideram que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos homens. A subordinação feminina é pensada como algo que varia de acordo com a época histórica e o lugar.<sup>36</sup>

A subordinação feminina em uma estrutura social depende não só das relações entre homens e mulheres, é uma construção social de cada uma e de cada período que ela pertença, podendo ser diferenciado essas relações entre os sexos dependendo de cada sociedade. “As teóricas do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade de o macho dominar as mulheres”.”<sup>37</sup>

Não podemos colocar essas discussões como algo natural das sociedades em geral, pois suas próprias formulações não podem ser entendidas como algo natural, mas uma construção social e cultural de cada lugar. As teorias de dominação não conseguiram se sustentar, se tornando destrutível e sem indagações para permanecerem firmes.

A formação de um homem viril é exigida pela sociedade. Formamos homens para a sociedade e somos responsáveis pelas consequências dessa formação. “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os

---

<sup>35</sup> FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 249.

<sup>36</sup> PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: Almeida, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009, p. 133.

<sup>37</sup> SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 1989. p. 09.

outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”.<sup>38</sup>

A sociedade é formadora de normas e condutas de comportamento, percebemos mais as repressões sobre o universo feminino, mas são impostos modos de comportamentos masculinos pela sociedade, como deve se sentar, como deve brincar, como deve agir emocionalmente, pois “*homem não chora*”, de se vestir, as restrições de tudo aquilo que é “natural” ao homem e a mulher, somos os principais responsáveis por homens dominadores e que causam violência, ou melhor formamos a própria violência.

### 1.3 METENDO A COLHER EM BRIGA DE MARIDO E MULHER

Uma frase bastante utilizada pelos brasileiros para falar sobre a relação entre homens e mulheres nas brigas quando tem testemunhas da violência é a seguinte: “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Mas essa ideia na nossa atualidade está desgastada, pois as relações entre marido e mulher já se *mete a colher*. A cada dia o conhecimento dos direitos, assim como os grupos de apoio são essenciais e se mostram de suma importância para a proteção a mulher em casos de violência.

Por falta de conhecimento sobre as leis protetivas e a luta que existe pelo reconhecimento desses direitos, muitas mulheres permanecem em um ambiente de constantes atos de violência contra sua pessoa, na maioria das vezes por seu companheiro. Muitas mulheres acreditam que são as principais causadoras das agressões cometidas por seu companheiro e que serão julgadas como as responsáveis pela agressão.

Historicamente foram sendo introduzidos discursos entre os seres humanos para justificar atos de violência contra a mulher, e uma das principais justificativas impostas foi à ideia que a mulher é a principal responsável por ser agredida. Esses discursos dominantes dos agressores são tão fortes que muitas mulheres procuram justificavas para as práticas de agressões de seus companheiros, como podemos observar pelas palavras do autor Pierre Bourdieu:

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se faz em algumas vezes, que elas *escolhem* adotar práticas

---

<sup>38</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maia Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 67.

submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismos constitutivo de sua natureza.<sup>39</sup>

Nas discussões dessas ideias temos o conhecimento sobre as falas de muitas mulheres ao defender seu agressor, se colocando como alvo precursor das violências recebidas, uma ideia que se circulou e impregnou o imaginário dos seres humanos, criando-se uma imagem inferiorizada da atitude feminina diante de atos de violência.

A violência contra a mulher não é uma discussão recente e os argumentos que muitos homens se utilizavam para justificar a agressão era frequente, essas ideias são reforçadas pela autora Eva Alterman Blay em suas pesquisas em torno das relações de violência contra a mulher e os principais argumentos que eram utilizados para justificar a agressão ou até mesmo a morte da mulher.

As denúncias da violência contra a mulher não são novidade, estão nas manchetes desde o final do século XIX e começo do século XX. Conseguiu-se pouco, mas importante modificação das leis que davam ao marido o direito de se “defender” de uma suposta ação de adultério da mulher assassinando-a. Muitas vezes esse argumento eram mero artifício para se livrar dela para contrair novas núpcias ou obter a herança.<sup>40</sup>

Como podemos observar, as medidas que eram tomadas para defender um agressor eram persistente em sua defesa e de sua honra, sendo a mulher como responsável pela agressão sofrida e pela sua morte. Hoje ainda existe o medo e resistência em fazer a denúncia da violência. O ato de denunciar um agressor e colocar sua vida diante de outras pessoas que não faz parte de suas conversas íntimas, muitas vezes leva a mulher a não o denunciar, o medo e a vergonha que toma conta da mulher pode ser entendido como um dos fatores, como também o envolvimento familiar que presam pela permanência do seu núcleo em defesa da não “destruição da família”.

São várias as pessoas que fazem chacotas das mulheres que após denunciarem as agressões sofridas e tendo o marido ou companheiro detido, solicitam no dia seguinte sua soltura. A realidade, porém, mostra que até a criação das Delegacias de Atendimento Especializado à Mulher, ou seja, uma das políticas públicas para fomentar as denúncias de violência, o silêncio era o pacto entre os casais e mais, na sociedade de forma geral as

<sup>39</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: Tradução Maia Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 52.

<sup>40</sup> BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. 2 ed. São Paulo. Cultura Acadêmica, 2014. p. 13.

peças não se envolviam, e hoje ainda não se envolvem, pois existe uma construção cultural da posse do corpo feminino pelo masculino, o poder do patriarca sobre a casa, os bens imóveis, os filhos e filhas, a esposa ou companheira.<sup>41</sup>

As pessoas possuem uma concepção de posse sobre o outro. Um dos grandes pontos que merece nossa atenção é essa ideia que muitos indivíduos têm em relação ao outro, a ideia que alguns homens possuem sobre a mulher como posse sua, o mesmo tem controle sobre sua vida e decisões, cabendo a ele decidir o que é melhor para a vida de sua companheira.

A ideia de dominação é marcada pela permanência da mulher nesse ambiente, a ruptura da dominação masculina começa quando a mulher deixa o espaço considerado natural (o doméstico) não aceitando mais aquilo considerado (a violência) e começa a reagir procurando alternativas para sair desse local marcado pela opressão.

Desigualdades de gênero, classe, raça e etnia ainda permeiam a sociedade brasileira, e esta precisa estar cada vez mais consciente dos mecanismos legais, políticas e programas disponíveis, para realmente efetivar os direitos das mulheres. Este é o grande desafio diante do Brasil.<sup>42</sup>

Para entender as atitudes que muitas mulheres tomam diante de situações de agressões, vamos tomar como base para essa análise a ideia da resistência feminina, um conceito que pode caracterizar as situações adquiridas e tidas como ações de prevenção e proteção das mulheres em momentos de vulnerabilidade familiar com um agressor.

A resistência feminina começa com sua emancipação diante da dominação sobre sua pessoa, a não aceitação da violência é o primeiro ponto de partida para a sua liberdade, tomando como iniciativa a denúncia a seu agressor, procurando uma ajuda especializada que possa amenizar o seu sofrimento. Essa violência acompanha a mulher em vários ambientes de sua vida cotidiana:

A violência contra a mulher acontece não apenas no ambiente familiar, mas em uma escala bem mais ampla de ambientes e agressores. A violência doméstica é entendida num sentido bem mais amplo – que inclui entre os agressores os namorados, noivos, ex-namorados, ex-noivos, maridos e ex-

---

<sup>41</sup> PUGA, Vera Lucia. **Autonomia feminina como porta de saída da violência**. XXVIII simpósio nacional de história, conhecimento social. Natal, 2013. p. 01.

<sup>42</sup> TAVARES. Rebecca Reichmann. Igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010** / Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 09.

maridos, companheiros e ex-companheiros. Essas são agredidas em casa, no trabalho, na rua, no lazer.<sup>43</sup>

As mulheres parecem estar dentro de um jogo que não tem fim. Além da violência, as dúvidas que permeiam em denunciar são enormes e em relação a sua proteção também. A falta de uma estrutura adequada para atender as mulheres vítimas de violências deixa as mesmas sem um amparo seguro para sua proteção, se tornando vulneráveis a futuras agressões. O ato de tenta retirar a queixa contra seu agressor também pode ser entendido como um ato de resistência na tentativa de manter a integridade física de sua pessoa diante de ameaças de seu agressor que na maioria das vezes recebe punições, mas continua em liberdade.

A permanência da mulher com o seu agressor pode ser entendida por muitos fatores, segundo as informações contidas na cartilha “Viver sem violência é direito de toda mulher”<sup>44</sup> a insistência do companheiro pela não separação com a promessa de que vai mudar e ser diferente, de uma vida sem brigas apenas para cuidar da família, usando como pretexto a destruição da família para a vítima continuar ao seu lado. Durante o período da reconciliação, também chamado de “Lua de Mel”, a mulher perdoa e pouco tempo depois volta às mesmas discussões e violência.

Muitos são os fatores que fazem a mulher continuar vivendo com seu agressor: o medo de ser assassinada, a vergonha da família e do meio social, a pressão dos filhos, ou mesmo de perder a guarda deles, tem esperanças na mudança de seu companheiro, as chantagens emocionais, a dependência financeira em acreditar que não vai conseguir manter a si nem aos filhos financeiramente, esses são os principais motivos mais conhecidos. Acreditamos, com base no analisado durante a pesquisa, que a ameaça de morte e a dependência financeira sejam os principais motivos de sua permanência com o agressor.

A pressão social diante de uma mulher separada sem marido ainda é muito forte em nossa sociedade, a ideia de proteção à mulher não está ligada na sociedade piauiense ao respeito pelo outro ser humano, mas de estar sempre acompanhada por uma pessoa do sexo masculino, principalmente o marido, figura na imaginação social como responsável pela proteção de sua mulher e família.

Paramos para pensar as contradições que existem em nossa sociedade, a figura masculina é relacionada ao personagem responsável pela proteção de sua família, mas ao

---

<sup>43</sup> BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher.** 2 ed. São Paulo. Cultura Acadêmica, 2014. p. 17.

<sup>44</sup> BRASÍLIA. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Viver sem Violência é direito de toda mulher – Entenda a Lei Maria da Penha.** Presidência da República. Brasília, 2015. p. 14

mesmo tempo este pode se tornar o responsável pela violência contra a mulher, duas ações e situações que não se unem a proteção e a violência, uma não está relacionada à outra.

A família na hora das relações de conflito conjugal pode se mostrar uma grande aliada ao tentar manter o núcleo familiar, principalmente os mais tradicionais que mantêm a ideia de família nuclear<sup>45</sup> e a separação significa o fim dessa família perfeita socialmente. Pela pressão, muitas acabam mantendo aquela vida de aparências diante da sociedade, essa família que realmente não existe na realidade, apenas para manter as aparências e a família.

Outro fator que merece nossa atenção é a dependência que algumas mulheres têm do seu companheiro, o uso da dependência como manipulação sobre a mulher também é considerado um tipo de violência contra a mesma, são dois crimes cometidos ao mesmo tempo, a violência física e a sua permanência por uma manipulação psicológica, utilizando para isso a dependência financeira da mulher.

A última análise da permanência da mulher em um ambiente conflituoso é ver esse fator como um meio utilizado pela vítima para tentar por meio do diálogo convencê-lo da separação, o que ainda pode ser compreendido como covardia. Para nós é preciso muita coragem e resistência para permanecer naquele ambiente correndo o risco de vida.

Falar sobre a atitude das mulheres diante de agressões físicas é muito fácil, mas o que cada uma passa naquele momento e tudo o que vem em sua mente em uma situação tão difícil é quase impossível de se representar por meio da escrita da melhor maneira possível para o leitor, essas são questões que ainda se tem muito a ser estudado e problematizado para a sociedade, pois entender e compreender suas atitudes é um sentimento que muitos ainda relutam em manifestar e acreditar que são problemas particulares que não envolvem mais ninguém, apenas o casal e sua família.

---

<sup>45</sup> Para Prado “a forma mais conhecida e valorizada de nossos dias é a família composta de pai, mãe e filhos, chamada família "nuclear", "normal" etc.”. Ver: PRADO, Danda. **O que é família**. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1982

## **CAPÍTULO 2- OS MOVIMENTOS SOCIAIS PICOENSE NO COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

São vários os fatores e acontecimentos que envolvem uma mulher em um ambiente conturbado, marcado pela presença da violência doméstica. A problematização sobre as atitudes femininas em se manter ou não com seu agressor são questões que envolvem a imaginação da sociedade. Muitas são as críticas a essas mulheres, a complexidades dessas relações são gritantes, a investigação é necessária ao entendimento desses conflitos sociais.

Os movimentos femininos atuam como suporte ao combate a violência doméstica e tentam trazer para a sociedade inúmeras questões que envolvem o universo feminino, proporcionando a essas vítimas informações sobre seus direitos para conseguir sair desse ambiente de opressão, embora não seja uma questão fácil, mas que, se manter informada sobre seus direitos já é um começo para o rompimento de uma vida conflituosa.

A desnaturalização da ideia social que todo casal briga é um ponto relevante para o desenvolvimento do conhecimento feminino sobre a concepção social e de mundo que a mesma deve ter no enfrentamento a violência doméstica, saber que a naturalização da violência foi uma maneira de opressão formulada ao longo dos anos sobre a mulher.

Outro ponto em relação aos movimentos picoense no combate a violência doméstica é sua atuação em propor ações que envolvam a conscientização da sociedade, por meio de eventos e palestras que faça com que a população tenha conhecimento da gravidade da violência na vida de muitas mulheres e que qualquer uma corre esse risco independente de qualquer meio social ou grupo social que pertença.

Um dos grupos que trabalham com a conscientização e o apoio a mulheres vítimas de agressão é a UMP - União das Mulheres Picoenses. Este grupo surgiu na cidade a partir da articulação de mulheres na zona leste da cidade de Picos, começando seu enfrentamento sobre os direitos femininos por volta da década de 80. Buscavam nos primeiros anos articular ideias que pudessem mudar a situação da mulher na época, pois muitas eram dominadas pela repressão social e familiar, não podiam trabalhar, nem estudar, não possuíam espaço para tomar suas próprias decisões. Segundo o Projeto “Mulher faz cada arte”:

A UMP surgiu durante a década de 80 nasceu da articulação de diversos grupos de mulheres dos bairros de Picos, surgida nas atividades do Dia Internacional da Mulher. Realizou um primeiro encontro em 1983,

discutindo o tema: Realidade da Mulher Picoense e Organização das Mulheres de Picos.<sup>46</sup>

A UMP começava a se articular durante a década de 80, um movimento que ao longo dos séculos “tem propiciado o pensar a ação política militante feminista, com vista a refletir os mais diversos aspectos da objetividade e subjetividade do ser mulher”<sup>47</sup>. Nesse sentido, propor ações que ponham em discussão o conhecimento feminino sobre sua vida, como ser mulher diante das condições que cada uma enfrenta diariamente e conhecer os direitos que a mesma tem diante da Lei Maria da Penha. No momento ainda não tem uma sede própria, as reuniões extraordinárias estão sendo realizadas na sede da antiga UESPI (Universidade Estadual do Piauí), no Bairro Junco.

A UMP trabalha com vários objetivos, entre eles podemos destacar:<sup>48</sup> lutar pela transformação da sociedade, visando construir novas relações sociais que propiciem plenitude de condições de vida e de liberdade ao sexo feminino, onde a mulher possa ter plenos conhecimentos sobre sua vida enquanto mulher e total liberdade para decidir sobre a mesma; unificar os movimentos de mulheres existente em todo o território piauiense, por meio da união entre os movimentos trabalhando com posicionamento em defesa dos direitos femininos, trazer para a luta feminina o máximo de pessoas que possam se envolver militarmente em defesa do sexo feminino, a ideia é trazer a igualdade entre os sexos.

Além do já citado, a UMP tem por objetivo lutar pela garantia dos direitos das Mulheres piauienses ao trabalho, a segurança, a saúde, a educação, a creches em locais de trabalho, cultura, lazer, previdência social, reforma agrária e urbana e combater todo e qualquer tipo de violência contra a mulher.

Promover a organização das mulheres piauienses para lutar contra a discriminação através de políticas de conscientização, trazendo para a sociedade conhecimento sobre a condição feminina e a discriminação que ainda sofrem para conseguir ocupar o seu lugar socialmente. A ideia não é tomar o lugar do homem no meio social ou mesmo começar uma luta contra o sexo masculino, mas propor relações de igualdade entre ambos em que cada um construía na sociedade o seu espaço.

Compreendemos que, a União das Mulheres Picoenses vem ao longo dos anos trabalhando em prol da defesa feminina. Sua luta vai além da defesa da violência doméstica, mas também trazer para essas mulheres discussões que envolva o amadurecimento do seu

---

<sup>46</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. UMP- União das Mulheres Picoense - Núcleo de Picos. **Projeto Mulher faz Cada Arte**, 2015, p. 5.

<sup>47</sup> Ibid., p. 4

<sup>48</sup> Ibid., p. 5.

conhecimento e pensamento sobre sua vida enquanto mulher em relação a violência e compreender que outros fatores sociais hierárquicos são colocados sobre sua figura feminina, aprisionando socialmente seu modo de pensar e agir.

Com uma linhagem de luta pela mulher, a UMP é um movimento que se articula em relação ao sexo feminino em vários campos que a envolve o sofrimento da mulher, desde a violência que muitas sofrem, como a sua condição feminina de submissão que a sociedade tende a colocar. Busca envolver a sociedade em defesa da liberdade e proporcionar a escolha feminina em tomar suas próprias decisões sobre sua vida, sem necessariamente que alguém venha tomar suas decisões em seu nome, como se isso fosse o melhor para sua vida, abrindo espaço para seguir seu caminho como desejar.

A UMP está com um Projeto em tramitação que tem como Tema “Mulher faz cada arte” tem como objetivos específicos:<sup>49</sup>

**Tabela 2: descrição dos objetivos do Projeto “Mulher faz cada arte\*”**

1	Promover oficinas de vivência da subjetividade feminina, tais como: biodança, teatro, música, pintura, poesia, desenho, escultura;
2	Promover oficinas de capacitação profissional: tecelagem, pintura, em tecido, corte e costura, bordado, artesanato, informática, produção de produtos de limpeza e higiene, como: sabonete, sabão, detergente, água sanitária, amaciante de roupas;
3	Implantar e promover sistema de produção de roupas, bijuterias, artesanato, produtos de limpeza, doces, geleias, sucos, cajuínas, e medicina caseira;
4	Implantar e promover sistema de comercialização através de feiras periódicas, vendas rotineiras no atacado e no varejo;
5	Contribuir na formação, na proposição e na execução de políticas públicas de geração de trabalho e renda voltada para a promoção da mulher com vistas a promover relações de equidade entre homens e mulheres.

\*UMP-União das Mulheres Picoense- Núcleo de Picos. Projeto Mulher faz Cada Arte.

Nesse projeto é perceptível à intenção do mesmo de propor uma atuação feminina no mercado de trabalho, se tornando independentes financeiramente e tomadora de suas próprias decisões sobre seu futuro, um projeto que prioriza seu trabalho como emancipação de laços que prendem a mulher a dependência financeira ao seu companheiro.

A UMP é constituída por pessoas que se propõem e se empenham em lutar pelos direitos femininos contra a violência doméstica. Segundo Maria José Alves do Nascimento:<sup>50</sup>

<sup>49</sup> NASCIMENTO, Maria José Alves do. UMP- União das Mulheres Picoense- Núcleo de Picos. **Projeto Mulher faz Cada Arte**. 2015, p. 8

<sup>50</sup> Integrante e ex-coordenadora do UMP – União das Mulheres Picoense.

A UMP é constituída por mulheres sem distinção de cor, procedência social, credo religioso ou político que se propõe a participar ativamente das suas atividades contribuindo para concepção dos objetivos expressos nos estatutos. A gente conta com uma base de 100 sócias de 100 mulheres que estão ai dispostas a entrar no enfrentamento, mas por ele ser um movimento é dependendo da bandeira de luta que a gente defende que esteja levantando, a gente consegui mobilizar um maior número de mulheres como também de homens, a UMP ela, a luta dela também tem homens que são comprometidos com o combate à violência, não é só mulher a gente convoca toda a sociedade em prol de um objetivo que beneficiar a mulher que é através dessas bandeiras de luta que a gente vai conseguir conscientizar a sociedade pra mudar essa prática de violência.<sup>51</sup>

O importante para a participação no movimento UMP é o compromisso que seus integrantes devem ter em propor medidas que sejam colocadas para a proteção no combate à violência doméstica e a liberdade feminina, uma luta que envolve a conscientização da sociedade em prol de um problema social que envolve toda a sociedade. Atualmente, conta com aproximadamente um número de 100 sócias, onde, procura cada vez mobilizar mulheres e integrantes, pois qualquer pessoa pode procurar os membros para participar e entrar no grupo, desde que queira lutar realmente e ativamente em defesa da mulher juntamente com aqueles que já fazem parte do movimento.

Quando perguntamos sobre as principais dificuldades enfrentadas pelo grupo na sua formação durante a década de 80, Maria José Alves do Nascimento nos fala que:

Na época era o machismo, a questão de gênero que a gente ainda não entendia essa questão de gênero que era o poder do homem contra a mulher a gente não tinha isso bem claro, mas já sabia que existia por que a partir da hora que o homem batia na mulher ele tinha um poder sobre ela, muitas vezes a gente entendia que eu quero poder a força e não é a força é toda uma cultura uma prática que ele recebia desde dos primeiros anos de vida que ele podia tudo e que a mulher não podia nada.

Em um período que a dominação masculina sobre a vida das mulheres era mais acentuada, podemos ver nas palavras de Maria José Alves do Nascimento a preocupação para começar a mudar a situação de subordinação e dominação que viviam essas mulheres, uma luta que começava aos poucos, mas que a garra e a coragem para lutar por transformações sociais é o principal foco nesse momento.

O Grupo Graciones é outro grupo que atua contra agressões sofridas pelo sexo feminino e em defesa da liberdade da mulher na cidade de Picos, sendo de fundamental

---

<sup>51</sup> NASCIMENTO. Maria José Alves do. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 25 de Maio de 2017.

importância para articular ações que envolvem a mulher em diferentes situações, a união de mulheres na luta em prol dos direitos femininos de tomar suas próprias decisões com total liberdade, como a luta contra uma sociedade machista.

Esse Grupo é formado por mulheres que se juntaram com objetivos comuns e, na busca de defender seus objetivos, formaram um coletivo intitulado “Graciones”, mulheres que atuam em defesa da liberdade feminina, e de qualquer forma de opressão que qualquer mulher venha sofrer na sociedade, sua luta é contra a opressão feminina. Não possui uma sede própria, suas reuniões são realizadas em locais escolhidos pelo grupo de acordo com a disponibilidade de seus membros, com duas reuniões durante o mês, uma no começo e outra no fim do mês.

O nome do grupo se formou a partir de um consenso em homenagear duas mulheres que foram assassinadas brutalmente e que até hoje os seus casos não foram resolvidos pela justiça, à primeira vítima homenageada pelo grupo foi Gracionir, uma jovem que foi assassinada na década de 90 chocando toda a sociedade picoense, a outra mulher que forma o nome do grupo é Iones uma mulher que fazia parte dos movimentos sociais, do MPA que também foi brutalmente assassinada e permanece sua morte ainda impune. Os movimentos sociais seguem buscando pela justiça desses dois crimes.

Perguntamos a uma das integrantes do grupo quando surgiu o grupo e nos deparamos com a seguinte resposta:

O coletivo ele vai surgir em 2016, depois de vários enfrentamentos, de várias situações machistas dentro da Universidade Estadual do Piauí, então várias integrantes se sensibilizaram com essas situações de machismo e foram ao encontro de outras organizações na UFPI e movimentos populares e começaram a se reunir para falar dos seus sentimentos de situações machistas, dentro e fora da Universidade, foi então que a gente resolveu criar o coletivo e não sabia no começo quem homenagear.<sup>52</sup>

A atuação do grupo partiu da união de mulheres ao enfrentamento do machismo dentro da própria Universidade Estadual e a junção com estudantes da UFPI, por causa de várias situações de práticas machistas em relação ao sexo feminino, começou a se articular a formação de um grupo que pudesse debater dentro e fora da Universidade questões que envolvem a vida da mulher e sua liberdade. O grupo não tem número de participantes é para todas que queiram participar.

---

<sup>52</sup> GONÇALVES, Yana de Moura. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 09 de Junho de 2017.

A ideia da formação do grupo já estava em mente por essas jovens, a vontade de propor ações em defesa da mulher era forte e precisaria de um nome para o mesmo. Começaram então a articular ideias para a titulação de um nome que fosse relacionado a mulheres que sofreram algum tipo de violência e repercussão social.

Então, perguntamos como se deu a origem do nome do grupo Graciones, Yana de Moura Gonçalves nos fala:

Fomos atrás de histórias do passado na cidade de pessoas, de mulheres que acabaram sendo vítimas do machismo, encontramos duas histórias interessantes que foi a da Gracionir, foi quando eu e Bel fomos ao bairro São José conversar com os familiares da Gracionir que foi uma jovem que foi brutalmente assassinada 90 por um homem e esse homem nunca foi punido, nunca se achou uma história que, o direito penal não fez justiça e que a família sofreu muito até hoje, a gente foi lá pedi autorização, conversou com a mãe dela para a utilização do nome e ela nos autorizou e é uma história muito dolorosa diante da impunidade, com algo que chocou a cidade nos anos 90 e a outra homenagem é a Iones que é uma mulher dos movimentos sociais, mas especificamente do MPA que também foi brutalmente assassinada e permanece impune o seu crime os movimentos sociais buscam pela justiça.<sup>53</sup>

A falta de impunidade por muitos crimes que envolvem o sexo feminino, como também a falta de segurança da mulher com atos de violência que circulam em uma sociedade marcada pela opressão e machismo fez surgir o Grupo Graciones, um coletivo que se desempenha na defesa em vários setores que venha a envolver a mulher.

Segundo o Grupo, é um coletivo que todos os integrantes estão na mesma posição, não existindo diretores, nem coordenadores, todas podem trazer sua opinião ao grupo com total igualdade e liberdade. Também não possui quantidade máxima de participantes qualquer mulher interessada pode participar. “O feminismo é para todas. Então, o grupo não tem número máximo, quanto mais mulheres interessadas em feminismo, melhor”.<sup>54</sup>

Sua atuação no enfrentamento a violência feminina é perceptível nas palavras da integrante do Grupo, Yana de Moura Gonçalves:

O grupo atua em diferentes frentes, desde palestras de enfrentamento à violência, como o acompanhamento da vítima em delegacia, como o grupo é formado por diferentes profissionais a ideia é o apoio da vítima nos mais diversos setores.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> GONÇALVES, Yana de Moura. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 09 de Junho de 2017.

<sup>54</sup> Ibid., 2017.

<sup>55</sup> GONÇALVES, Yana de Moura. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 09 de Junho de 2017.

Na procura da melhor maneira de dar apoio à vítima de violência física ou mesmo ataque machismo e moral, o Grupo apoia no sentido de procurar o melhor profissional para atender e acompanhar essa pessoa em sua defesa nos casos de vulnerabilidade, podendo a mulher está participando com o grupo em conversas que venha a amenizar psicologicamente o seu sofrimento, discussões que tragam uma solução ou um pouco de conforto para o seu sofrimento.

O grupo é composto em sua maioria por estudantes universitária na faixa etária entre 18 e 25 anos que, de alguma forma, sofreram algum tipo de violência, opressão ou abuso de poder, qualquer forma de opressão que atinja seu psicológico. Encontra-se no coletivo uma forma de combater essas práticas conflituosas e melhorar o psicológico por meio de conversas com outras mulheres que estão passando ou passaram por situações parecidas e ver a melhor forma de resolver seus problemas.

As pessoas que procuram o grupo são acolhidas pelos seus membros com conversas e conselhos procurando uma melhor maneira de resolver seu sofrimento, encaminhando para profissionais responsáveis, como na denúncia na Delegacia da Mulher de seu agressor, também com a participação com o grupo em reflexões que possam envolver a pessoa para uma nova posição diante do seu problema.

A falta de impunidade com agressores e acusados de violência deixa muitas mulheres à mercê de novas agressões. O medo ainda se torna uma barreira para a mulher denunciar seu agressor, segundo o coletivo a falta de uma estrutura qualificada para proteger a vítima na delegacia, a falta de um abrigo, como também profissionais multidisciplinares para o acompanhamento das vítimas de violência doméstica se torna um dos fatores para as vítimas não denunciarem seus agressores.

Apesar das barreiras que muitas mulheres precisam enfrentar pela sua liberdade e autonomia sobre sua vida e seu corpo, algumas se arriscam no enfrentamento sobre a violência doméstica e os direitos femininos, como a liberdade de escolher a maneira que pretende viver, sem medo ou opressão a sua pessoa.

## **2.1 PESSOAS OU OBJETO: AS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES**

A sociedade picoense se apresenta em transformação para a proteção das vítimas de violência domésticas. Os movimentos sociais em Picos no combate da violência e na luta pela proteção das vítimas de violência doméstica são provas que nessa sociedade ainda são

precárias as estruturas públicas em atender as mulheres que não encontram total segurança para denunciar seus agressores. As conquistas dos direitos femininos para proteção da violência doméstica vêm sendo alvo de luta e conquistas a cada dia.

Uma cidade que, não diferente de outras, convive com pessoas que sofrem todos os dias com atos de violência, esses fatores sociais como no caso da violência doméstica se relaciona ao meio social no combate desse tipo de prática, atos que muitas vezes ficam despercebidos por uma parcela da sociedade, mas que aos poucos começa a ganhar uma repercussão maior pela divulgação e socialização dessa temática.

A violência está intimamente envolvida com o psicológico dos indivíduos, tanto homens como mulheres, nessa linha é que encontramos a posição de posse que muitos homens ou até mesmo mulheres se mostram em relação ao outro, a dominação como a ideia de pertencimento ao outro, podemos considerar como um dos fatores para a violência doméstica.

A dominação por parte da violência é um fato nas relações entre os indivíduos, segundo Vera Lúcia Puga:

No Brasil do século XXI encontramos estatísticas de violência contra as mulheres que têm tido maior visibilidade a partir de movimentos feministas, de criação das delegacias para as mulheres, de políticas públicas capazes de permitir que essas mesmas mulheres se sintam mais abrigadas pelo Estado, mesmo que algumas delas revejam suas denúncias e peçam a soltura do companheiro ou marido.<sup>56</sup>

A ideia de posse sobre os indivíduos é presente na história da humanidade, desde a posse de pessoas como escravo, que eram vistos em algumas sociedades como objetos pertencendo aos seus bens pessoais, cabendo o direito de fazer o que bem entendesse da vida de seu objeto. Apesar dessa dominação sobre o outro ser humano ter vigorado por muitos anos na nossa história de forma legal e ter tido um ponto final, ainda podemos notar nas ações recorrentes em nossa atualidade práticas que correspondem a uma situação de dominação e manipulação nas relações entre os seres humanos.

Práticas de dominação e opressão que merecem toda a atenção da sociedade. Homens ou até mesmo mulheres consideram seu (sua) companheiro (a) como uma pessoa que pertence a sua vida, aquela pessoa é vinculada a sua vivência de tal maneira que a separação só ocorrerá por meio da morte, pois não consegue ver está separada de sua vida, pois ela

---

<sup>56</sup> PUGA, Vera Lúcia. **Violências diárias, violências de gênero: amar ou odiar? Qual é o verbo?** Cordis. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 99-108, jul./dez. 2014, p. 01.

pertence à mesma. O sentimento de posse do outro se torna presente em muitos relacionamentos conflituosos que, em muitos casos, terminam com a morte de uma das partes.

A manipulação dos seres humanos sobre o outro indivíduo, no caso das relações conjugais, não é algo recente, podemos perceber no primeiro capítulo desse trabalho a ideia da dominação masculina sobre a feminina, mas apesar de estarmos em um momento onde as sociedades são vistas como modernas e evoluídas, ainda é frequente casos de violência doméstica, sendo alarmante o número que vem surgindo na nossa sociedade. À barbaridade não foi superada!

Apesar de fatos alarmantes de violência, a sua normalização é frequente em nossa sociedade, afinal todo casal briga, a defesa do parceiro por meio da desculpa da bebida, como podemos perceber nas palavras de uma de nossas entrevistadas vítimas de violência, quando perguntamos como começam as discussões e brigas:

Geralmente começa quando ele chegava em casa bêbado, aí me xingar de todo nome, me manda ir embora de casa e começa a pegar nos meus cabelos e aí começa a briga, mas quando a bebida passa ele volta ao normal e começa a se reaproximar como se nada tivesse acontecido.<sup>57</sup>

A ideia de que muitas mulheres têm é em colocar a culpa de suas agressões na embriaguez do marido, por acreditar que não sabiam o que estavam fazendo com elas, pois estavam bêbados e não seriam capazes de fazer isso em sua normalidade e acabam por aceitar essa situação e culpar não seu agressor, mas a bebida.

É um ponto intrigante em nossa sociedade sobre as mulheres serem dominadas por homens em seu cotidiano por meio da violência verbal, psicológica e tantas outras que a torna uma pessoa frágil e dependente do seu companheiro, mas também temos que destacar que no meio feminino também existe manipulação em relação ao sexo masculino, onde a mulher considera seu companheiro como um objeto, pois tem a ideia de controle e manipulação da vida do companheiro, a separação ou traição se tornaria um motivo para a morte de uma das partes.

Não pretendemos como foco nessa pesquisa saber quem manipula mais, se o homem ou a mulher, mas sobre a violência e a dominação que é exercida sobre muitas mulheres no ambiente doméstico, impossibilitando de tomar suas próprias decisões de sua vida. A dominação é um dos objetivos da violência doméstica, a ideia que a mulher não

---

<sup>57</sup> FONTES. *Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa*. Picos, 09 de Maio de 2017.

consegue viver sem ser com seu companheiro, a violência psicológica é uma forma de dominação nas relações conjugais entre homens e mulheres.

Pensar nas relações de gênero é pensar essencialmente nas relações de poder. Homens e mulheres buscam, em uma luta cotidiana o lugar de destaque, de mais poder. Ambos os sexos carregam o machismo, e porque não dizer sexismo como pressuposto de construção dos papéis sexuais e acabam transmitindo e educando seus filhos nos paradigmas socialmente aceitos.<sup>58</sup>

O que pretendemos com essa abordagem é fazer o leitor entender que as pessoas não são sujeitos que pertencem ao outro, mas que a escolha da vida em conjunto é em prol de ambas as partes possuírem os mesmos ideais de vida e que um não necessariamente precisa ser imposto à vontade do outro, a dominação se apresenta como uma maneira de manipular o outro a suas vontades e que não deixa de ser uma violência tão grave como a física, ou até mais, envolve o emocional do outro para a dominação de suas ações em favor das suas próprias vontades.

A dominação masculina sobre a feminina através tanto da violência física como psicológica é uma forma de manipulação, forçando o outro há ficar todo tempo ligado psicologicamente ao seu lado, essa manipulação se mostra como uma maneira que a pessoa encontra para manter a outra ao seu lado, não deixando liberdade para a mesma tomar suas próprias decisões.

Notemos isso nas palavras de nossa entrevistada, Maria José Alves do Nascimento, conhecida popularmente como *Nega Mazé*, em relação aos principais objetivos que a levou a começar a lutar em defesa da mulher:

Quando passei a observar a conjuntura do momento atual que era de muita repressão e falta de liberdade das mulheres, na ocasião elas não podiam estudar e nem trabalhar, elas não tinham a menor liberdade, foi ai que recebi um convite para participar de uma reunião na zona leste de Picos que é aqui no bairro junco na década de oitenta.<sup>59</sup>

Também notamos a dominação nas relações entre as pessoas e na forma que se tratam como objeto pertencente a sua vida, para esse fim, a utilização da violência patrimonial, a manipulação pela dependência de uma das partes se apresenta como uma arma

---

<sup>58</sup> PUGA, Lúcia Vera. **Violências diárias, violências de gênero**. *Cordis*. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 99-108, jul./dez. 2014, p. 107

<sup>59</sup> NASCIMENTO. Maria José Alves do. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 25 de Maio de 2017.

perigosa a manipulação do outro, pois a dominação ocorre através da influência sobre a pessoa em mostrar que sem ela não conseguirá sobreviver.

Uma de nossas entrevistadas nos conta sua relação de convivência com o marido:

Tinha medo de largar ele, de ficar sozinha como iria sobreviver com uma criança pequena, ele sempre me falava que eu não conseguiria sobreviver sozinha, eu também achava que ele iria mudar, que o que eu sentia por ele e ele também gostava de mim, iria mudar aquela situação, mas não mudou, a cada dia ficava pior, aí um dia resolvi largar ele, mesmo com ameaças. Passei por muitos momentos difíceis com meu filho, mas segui em frente.<sup>60</sup>

Nas palavras de nossa entrevistada, notamos o medo que se propaga em muitas mulheres que passam pela mesma situação, a dependência financeira é um dos fatores para a permanência da mulher junto ao companheiro e o medo de não conseguir sobreviver financeiramente sem o outro.

Outro ponto que nos chama a atenção é o fato da sonhada mudança de comportamento, o amor que ela tem pelo seu companheiro seria o motivo para continuar aguentando aquele sofrimento e que tudo vai mudar um dia por causa do amor dela e do que ela acredita que ele sente por ela, uma ideia que rodeia a mente de muitas mulheres

Um dos grandes problemas que encontramos ao longo desse trabalho é justamente essa dependência financeira feminina em relação à masculina, a mulher é totalmente dependente de seu companheiro (agressor), o medo de ficar só e acreditar que não poderia seguir viver sem o companheiro é uma das marcas que a violência patrimonial deixa na pessoa.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem.<sup>61</sup>

É comum na nossa sociedade a dependência financeira da mulher em relação ao marido, ele se torna o provedor familiar e a mulher a rainha do lar, a dona de casa exemplar que cuida da casa e dos filhos, uma vida perfeita segundo a sociedade, o rompimento dessa família nuclear é quebrar com padrões sociais que devem ser seguidos por homens e mulheres que a sociedade delimita.

<sup>60</sup>OLIVEIRA. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 03 de Maio de 2017.

<sup>61</sup>SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987. p.08

Podemos perceber isso nas palavras de nossa entrevistada que fala sobre o medo que tinha sobre o que iriam pensar dela se deixasse o marido:

Quando começou a me machucar, eu pensava em meus filhos e o que minha família iria dizer sobre mim, que eu iria ser uma mulher solteira, todo mundo iria falar de mim, iriam me chamar de rapariga, não iria suportar isso, aguentei tudo calada, depois contei a minha família, mas tudo já tinha passado, foi algumas vezes, mas depois deixou, acredito que por causa dos filhos que já estavam crescendo e começa a perceber aquilo, não separei e não vou separar, meus filhos precisam de mim e dele.<sup>62</sup>

Muitos fatores podem ser notados nas palavras de nossa entrevistada, o medo do julgamento familiar e social foi um dos fatores para a vítima não denunciar e nem se separar do seu agressor, como também seus filhos, o ligamento que ela tem a estrutura familiar, o medo do rompimento se encontra presente em suas palavras, o julgamento que poderiam ter sobre sua pessoa.

Segundo Maria José Alves do Nascimento, está nos coloca alguns fatores para a mulher permanecer com seu agressor:

O principal fator é o econômico, o desemprego, outro fator é o apoio, a falta de apoio e compreensão da familiar é outro fator muito grave, falta de política e segurança quando existe e não prioriza o enfrentamento a violência contra a mulher, a falta de condição no atendimento, sucateamento dos órgãos que atende a mulher, a pressão dos filhos, o amor materno que uni o casal, o medo de perder a estrutura familiar que a sociedade machista confunde e diz que a mulher gosta de apanhar para justificar a violência e não punir o agressor.<sup>63</sup>

Segundo suas palavras, notamos um pensamento crítico de uma mulher que é envolvida com a luta contra a violência doméstica e a defesa da escolha feminina, uma maneira de falar militante que nos faz ver como a sociedade se mostra diante de mulheres que por algum motivo não se separam de seu agressor.

O fator econômico é colocado como o principal ponto para a permanência de muitas mulheres nessa situação de violência, mas também outros fatores são colocados, como a falta de apoio familiar, a pressão dos filhos, o amor pelos filhos e o apego a sua estrutura familiar.

---

<sup>62</sup> SOUSA. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 08 de Maio de 2017.

<sup>63</sup> NASCIMENTO. Maria José Alves do. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 25 de Maio de 2017.

Outro ponto que percebemos foi em relação aos órgãos responsáveis pela proteção à mulher em casos de violência física que, muitas vezes, não possuem uma estrutura prevista na Lei Maria da Penha para proteger a mulher e essa se sentir segura ao denunciar seu agressor. Por falta dessa proteção muitas mulheres desistem da denúncia.

Muito se mudou em relação à proteção da mulher em casos de violência nos últimos anos de luta pela proteção feminina. Contudo, na cidade de Picos, ainda temos deficiências ao combate da violência contra a mulher. Ao questionarmos sobre a delegacia de Picos, Maria José Alves do Nascimento nos falar que:

A DEAMS de Picos ela não tem condição de receber a mulher, ela precisa de uma equipe multidisciplinar que esteja recebendo a mulher para ela puder se sentir protegida para que ela possa entrar para a sala da delegada e confie para que ela possa fazer de fato a denúncia, por que não tem condições, ela chega lá na delegacia e fica lá exposta *pra* que todo mundo fique vendo e perguntando o que foi que aconteceu, ela fica vulnerável lá, não tem a menor proteção.<sup>64</sup>

A exposição da mulher é um dos pontos que são destacados pela entrevistada e pela falta de pessoas preparadas no atendimento a essas mulheres vítimas de agressão, toda uma estrutura precisa existir para atender as vítimas de agressão, um momento em que a atuação na proteção é muito importante para as vítimas.

## 2.2 O LUGAR DA MULHER NA ATUALIDADE

A história da humanidade passa por transformações, as mulheres fazem parte dessa história e também passaram por mudanças ao longo dos séculos. Por muitos anos ficaram destinadas aos espaços privados e aos afazeres domésticos como vimos no capítulo anterior. Os espaços públicos não cabiam a sua pessoa, eram locais destinados por uma ordem social ao sexo masculino, somente nos últimos séculos notamos a mudança dessa história.

A evidência mesma de uma “vida cotidiana” constitui um mecanismo magistral de dicotomização da realidade social. De um lado, temos uma esfera onde se produzem bens e uma atividade produtiva, um lugar de acumulação e, por isso mesmo, de transformação. Ai localizado, encontramos o campo onde se articula o futuro de uma formação social, onde se concentra tudo o que faz a História. De outro lado, temos uma esfera de “reprodução”, ou seja, de repetição do existente, um espaço de práticas que regeneram formas, sem, contudo, modifica-las nem individualizá-las.

---

<sup>64</sup> NASCIMENTO. Maria José Alves do. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa**. Picos, 25 de Maio de 2017.

Um lugar de conservação, de permanências culturais e de rituais: um lugar “privado” da História.<sup>65</sup>

Hoje a mulher procura cada vez mais construir sua própria identidade e está sendo vista por várias maneiras, falar de todas seria impossível nesse trabalho, então remitiremos a algumas, como a mulher está se visibilizando na sociedade atual, no caso desse trabalho a mulher picoense, que se encontra presente em vários espaços, desde o doméstico ao mundo do trabalho.

A liberdade hoje para a mulher é uma conquista conseguida ao longo dos anos, ter autonomia para escolher com quem se quer namorar, qual carreira pretende seguir, com o que vai trabalhar é apenas uma escolha própria em sua vida, a cada dia a mulher ganha independência sobre suas escolhas, embora não seja uma regra geral, mas que se encontra presente em nossa sociedade.

Atuar no mundo do trabalho, em espaços públicos hoje é uma condição feminina frequente e normal na atualidade, embora pareça ser algo tão comum, mas que não paramos para observar que até alguns anos atrás a mulher lutava para conseguir seu espaço nos ambientes predominantemente masculinos. Nem tudo são flores na vida da mulher, infelizmente muita coisa em relação à sua vida continua a aprisioná-la e incentivá-la a lutar por igualdade na sociedade.

Apesar de ter liberdade para trabalhar, a mulher enfrenta diariamente contradições na sua vida profissional que são intoleráveis, mas que acabam deixando marcas na carreira de muitas. O fato de ser do sexo feminino já é uma desculpa utilizada por muitos empregadores para o rebaixamento salarial, mesmo que a titulação seja igual a dos outros funcionários, problemas de desigualdade de gênero que as mulheres precisam superar a cada dia no mercado de trabalho.

As relações desiguais entre os indivíduos na sociedade brasileira são perceptíveis, não podemos deixar de notar essas diferenças, a luta feminina é uma história que vem sendo construída ao longo dos últimos séculos por igualdade socialmente entre homens e mulheres, mas ainda não se destruiu essa barreira da distinção social, luta que se encontra ainda a todo vapor, pois a desigualdade ainda persiste em nossa sociedade.

Também podemos perceber essa diferenciação entre o sexo feminino e masculino em algumas profissões, ditas destinadas ao sexo masculino que as mulheres procuram

---

<sup>65</sup> PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano e da Vida Privada. In. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Orgs.). **Domínio da História**. - Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 337.

trabalhar e são discriminadas por serem julgadas incapazes de realizarem determinadas tarefas que são necessário esforço físico ou até mesmo intelectual.

Em algumas áreas profissionais as mulheres começam a ter um avanço, como na área da informática, da engenharia, mecânica entre tantas profissões que as mulheres eram julgadas incapacitadas, mas mesmo assim procuravam seu lugar e reconhecimento. Os passos estavam e estão sendo dados para o começo da mudança da predominância de trabalhos que existia de um sexo em relação ao outro.

Uma profissão que não podemos esquecer-nos de exemplificar é o de atleta de futebol, um esporte que na visão predominante da construção social é caracteristicamente para homens e dominado pelo mesmo. O sexo feminino procura seu espaço, a luta que é travada pelo reconhecimento do futebol feminino é visível, mas a credibilidade e visibilidade ainda é destinada aos jogadores do sexo masculino. Dificilmente é visível na televisão aberta partidas de futebol feminino, geralmente na sua maioria são jogos masculinos.

A valorização do sexo masculino nos espaços de trabalho e sua não atuação nas atividades domésticas resultam em uma dupla jornada para a mulher enfrentar diariamente dentro e fora do lar. Hoje a mulher já tem maior autonomia em relação aos espaços públicos e privados, cada vez mais a mulher ganha destaque no mercado de trabalho, embora não seja de um modo em geral, pois a desigualdade salarial entre homens e mulheres ainda se encontra frequente em alguns setores do mercado de trabalho.

Uma jornada de trabalho fora do lar e outra dentro de casa, ainda é uma conduta da nossa sociedade a mulher que, quando chega em casa, tem que fazer as atividades do lar, pois o imaginário social ainda se encontra preso a padrões sociais onde as tarefas domésticas são apenas executadas pelo sexo feminino. Há desigualdade entre homens e mulheres e parece que falta muito para ser superada:

O progresso e a entrada no século XXI não eliminaram a desconfiança e o medo, levantando suspeitas na mulher quanto ao seu futuro e ao seu papel na sociedade. Mudanças nas estruturas domiciliares são refletidas a partir de novas oportunidades de trabalho que surgem para as mulheres, mesmo em detrimento da permanência da mulher no espaço interno do domicílio<sup>66</sup>

Vemos na maioria dos casos um ambiente familiar em que o homem e a mulher trabalham fora e ambos participam das despesas financeiras da família, mas em casa o homem faz o que melhor lhe convém com o seu tempo livre, enquanto a mulher precisa dar conta de

---

<sup>66</sup> BIJOS, Leila. **Violência de gênero: crimes contra a mulher** Contexto e Educação - Editora UNIJUÍ - Ano 19 - nº 71/72 - Jan. / Dez. 2004, p. 120.

deixar todas as atividades domésticas feitas. Temos que deixar claro que não são em todos os meios familiares que essa estrutura familiar se aplica, mas que ainda é sim predominante essas normas no núcleo familiar.

Embora exista uma predominância de comportamentos em alguns casais sobre suas responsabilidades dentro e fora do lar, às tarefas domésticas começam a serem divididas entre os membros familiares, algo que para muitos quebram os padrões sociais vigente, mas que entendemos como uma mudança e construção social de novo padrões de comportamentos que começam a vigorar, pois as pessoas são aceitáveis as mudanças. Ao longo dos anos as estruturas sociais vão se formando e a transformação faz parte da sociedade.

Mesmo trabalhando fora tendo sua autonomia pessoal e com as novas conjunturas sociais que começam a surgir, mulheres são vítimas de violência doméstica diariamente, ficando essas agressões muitas vezes apenas no ambiente privado. A manutenção de uma imagem social de família feliz é um perfil que muitos casais mostram para a sociedade, embora conviva em um ambiente conturbado marcado pela violência, mas não deixa transpassar os muros do lar.

No ambiente familiar existem muitos perfis, na sociedade picoense é comum às donas de casa, a rainha do lar, são aquelas mulheres que construíram sua família e vive em prol dela, o provedor da família é o marido e ela se destina aos afazeres do lar, a dependência financeira é um dos fatores de manipulação e dominação masculina sobre a mulher, mulheres que dependem financeiramente do companheiro é mais vulnerável a violência doméstica, embora não se aplique a todos os casos.

Também encontramos em nosso meio social, mulheres guerreiras que abriam mão de uma vida de aparências ao lado de seu “companheiro”, por uma vivência sem violência, resolvendo ir à luta diária por uma existência sem opressão e pelos filhos, trabalhando tanto em casa como fora do lar. Sua rotina é de uma mulher que ganha à vida sem depender financeiramente de um companheiro para continuar seguindo em frente em sua luta constante pela sobrevivência.

Não necessariamente o fato da mulher ser dependente do companheiro fará com que ela sofra violência doméstica e nem que nos lares que o homem trabalha fora e a mulher nas atividades diárias de casa são mais propensos para violência. À subjetividade nas relações familiares é enorme e variável, apenas temos que mostrar que ao longo desse trabalho notamos que a dependência financeira de mulheres ao marido em casos de violência deixa muitas vezes incapacitada de denunciar seu agressor.

A dependência financeira feminina sobre a masculina não pode ser vista como uma justificativa para a dominação, manipulação e agressões físicas sobre a mulher, pois essa agressão vai além da dependência financeira. A ideia de posse sobre o outro é uma conduta psicológica do indivíduo e as relações são apenas uma justificativa para a prática da violência.

O trabalho feminino fora do ambiente do lar é uma normalidade em nossa sociedade contemporânea. Muitas mulheres trabalham fora do ambiente doméstico, com uma remuneração baixa em relação a outros trabalhadores perceptível, recaindo conseqüentemente sobre sua participação financeira familiar, segundo Heleieth Saffioti:

O trabalhador não chega espontaneamente a consciência de que paga um alto preço pelo poder de mando que detém em relação a mulher. Não é difícil mostrar uma parte deste preço. Todo trabalhador tem vínculos com mulheres: mãe, esposa, filha, irmã, sobrinha, enfim, parentas consanguíneas ou afins. Sempre que uma destas mulheres receber salário inferior ao masculino meramente pelo fato de ser mulher, os prejuízos estendem-se a parte masculina do grupo familiar.<sup>67</sup>

Esse prejuízo ao meio familiar é notável, a mulher recebendo uma remuneração digna ao seu trabalho se torna reflexo de uma divisão de despesas igualitárias na relação familiar, quando isso não ocorre sua participação financeiramente é prejudicada pelo baixo salário que recebe, mas esse valor salarial não é pelo seu trabalho, mas por uma condição social que ainda se apresenta em nossa sociedade, pela desigualdade entre homens e mulheres existente também no mundo do trabalho que se formou ao longo dos anos.

A falta de estímulo familiar, ou até mesmo a manipulação psicológica que as conduz a uma vida destinada as atividades domésticas, incapazes de competir igualmente com o universo masculino é uma forma de manipulação da mente feminina, segundo Heleieth Saffioti:

As próprias mulheres acabam acreditando que são menos capazes de fazer ciência que os homens, uma vez que não sabem usar a razão. Acabam por desenvolver *desproporcionalmente* a dimensão afetiva de sua personalidade, em prejuízo do aspecto racional. Logo, não sentem, via de regra, confiança em si mesmas, o que as impede de *lutar* mais vigorosamente para mudar a situação.<sup>68</sup>

A ideia da manipulação feminina é uma forma de a mantê-la dependente de outra pessoa, onde a mesma é tida incapaz de ter capacidade de conduzir sua vida para novos

<sup>67</sup> SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987. p.22.

<sup>68</sup> Ibid. p.34.

caminhos, apenas aquele que esteja ao seu lado o pode fazer. Trata-se de uma manipulação para a estagnação da situação de dependência, mantendo padrões sociais que são imposto ao sexo feminino.

Um bom exemplo de padrões sociais existentes e que são construídos e desconstruídos pela sociedade é na letra da Música “*Desconstruindo a Amélia*” que podemos ter uma noção de normatização de padrões femininos a serem seguidos, na letra da música com uma reviravolta nessa estrutura de mulher perfeita a “Amélia”<sup>69</sup> que a cantora Priscilla Novaes Leone conhecida pelo nome artístico Pitty proporciona aos ouvintes:

### **Desconstruindo Amélia**

Já é tarde, tudo está certo  
Cada coisa posta em seu lugar  
Filho dorme, ela arruma o uniforme  
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada  
Ela foi educada pra cuidar e servir  
De costume, esquecia-se dela  
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente  
Todo dia até cansar (Uhu!)  
E eis que de repente ela resolve então mudar  
Vira a mesa, assume o jogo  
Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
Nem serva, nem objeto  
Já não quer ser o outro  
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado  
Ganha menos que o namorado  
E não entende porque  
Tem talento de equilibrista  
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18  
Nem Balzac poderia prever  
Depois do lar, do trabalho e dos filhos  
Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente  
Todo dia até cansar (Uhu!)  
E eis que de repente ela resolve então mudar  
Vira a mesa, assume o jogo  
Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
Nem serva, nem objeto

---

<sup>69</sup> Mulher amorosa, passiva e serviçal.

Já não quer ser o outro  
Hoje ela é um também

Uhu, uhu, uhu  
Uhu, uhu, uhu

Disfarça e segue em frente  
Todo dia até cansar (Uhu!)  
E eis que de repente ela resolve então mudar  
Vira a mesa, assume o jogo  
Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
Nem serva, nem objeto  
Já não quer ser o outro  
Hoje ela é um também.<sup>70</sup>

Na primeira parte da música ela apresenta a Amélia, uma mulher prendada que deixa todas as tarefas domésticas prontas em casa, os filhos bem cuidados já dormem e já tarde ainda passa o uniforme, lembrando-se de tudo que deve fazer em sua vida doméstica e esquecendo de si mesma, antes pensa nos membros familiares que deve cuidar.

A continuação de sua música mostra justamente a construção social da mulher recatada, prendada, preparada para cuidar da casa, dos filhos e da família, pois foi educada para isso. A situação de mulher submissa e servil é uma condição social imposta à mulher e acreditava como normal na sociedade.

A parte principal da música da cantora Pitty é o momento que a Amélia resolve mudar e virar a mesa, sua condição de submissão não é mais aceitável. Notamos a transformação social que a sociedade vem acumulando ao longo dos anos, onde a mulher não aceita mais o estado de objeto, submissão e servidão que lhes são impostas pela família e o meio em que se encontra inserida.

Se deparando com a realidade que agora enfrenta, percebe que a sociedade ainda é amarga, suas conquistas parecem pequenas aos olhos dos grandes, mesmo conseguindo a mesma profissionalização ainda ganha menos, sua dupla jornada de trabalho é notável na letra *“Depois do lar, do trabalho e dos filhos, Ainda vai pra night ferve”*<sup>71</sup> com toda suas conquistas a vida não lhe é fácil e mesmo assim as conquistas continuam a cada dia sem descansar.

A condição de objeto não é mais aceitável, agora como dona do próprio jogo começa a se cuidar como realmente quer, sem as normas de outra pessoa sobre si. Dona de

<sup>70</sup> PITY; MENDONÇA, Martin. **Desconstruindo Amélia**. In Chiaroscuro. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009.

<sup>71</sup> Idem.

sua vida, faz suas escolhas e vive sua vida de acordo com suas próprias regras, mas também sabemos o peso que a sociedade recai sobre a mulher que toma conta do jogo e vira a mesa.

Sabemos que a mulher ainda é julgada por suas escolhas, mesmo tomando de conta das rédeas de sua vida e pela busca de sua identidade como é proposta pela letra da música “Desconstruindo a Amélia”, a sociedade tende a julgá-las por não seguir uma estrutura familiar de acordo com determinados padrões sociais.

Sabemos que a construção social de padrões que são tidos como normais na sociedade e que devem ser seguidos pelo meio corpo da sociedade existem, mas como toda condição de padrões e condutas são criados, podemos nos dar a escolha de construir novos comportamentos que estão sujeitos a novas maneiras de vivências no meio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo que foi exposto nesse trabalho, podemos concluir e perceber a permanência de vários atos de violência contra a mulher por companheiros e ex-companheiros na cidade de Picos-Piauí, uma condição que atinge todo o território brasileiro e pelo mundo, entendendo que a cidade de Picos não se apresenta como um caso particular.

Uma violação que atinge a dignidade das mulheres do direito de ir e vir e a sanidade de seu corpo e de sua mente que deixa marcas para toda a vida, a divulgação ao meio social sobre a importância do combate a violência é primordial para o começo de uma luta que muitas vezes envolve pessoas que estão bem próximas de nós.

A nossa sociedade, de acordo com o que foi exposto nesse trabalho sobre a história feminina, percebemos que o homem se utiliza da força física para manter o controle sobre a mulher e sua vida, como também a manipulação psicológica que deixa marcas profundas e muitas vezes irreparáveis na vida dessas mulheres marcadas pela violência. Traçar metas para barrar com esse crime parece ser um dos pontos principais a serem discutidos e investigados pelos órgãos públicos e o meio social.

Um exemplo do medo que essas práticas de violência deixam em suas vítimas é em relação as nossas entrevistadas. Por temor que seus agressores venham a descobrir sobre seus depoimentos, não deixaram ser identificadas e seus nomes ficaram anônimos como uma forma de proteção a essas mulheres que com muita coragem deram seu depoimento para a construção desse trabalho.

A agressão ainda é vista pela sociedade como um comportamento normal entre casais, devendo ser resolvido por eles mesmos, uma conduta que apesar de toda a ação de órgãos sociais e públicos ao combate ainda se encontra visto pelo menos preso aos atos de violência entre marido e mulher.

Quando realmente se percebe o nível da gravidade muitas vezes já é tarde demais. Acreditamos ser necessário mais discussões nos meios sociais sobre a importância de se entender e combater a violência contra a mulher, uma reeducação social seria uma boa iniciativa para começar a colocar na cabeça de cada indivíduo a noção de dignidade entre as pessoas que a violência doméstica não é uma questão a ser resolvida entre os casais, mas uma questão histórica/social.

Muito ainda se tem a mudar na sociedade picoense, mas também no Brasil em geral, a presença e a continuidade de uma sociedade com um pensamento machista tanto entre homens como entre mulheres, a mudança parece distante, mas não há caminhos sem longas

jornadas e obstáculos. Muito já se conseguiu nessa luta por direito e a liberdade feminina nesse caminho, no entanto ainda temos muito a conseguir, conquistar e mudar em nossa sociedade.

A mudança não acontece da noite para o dia, mas exige muito trabalho e as pedras no caminho são muitas, mas nada que não possa ser superado, a semente já está sendo plantada aos poucos, a colheita parece distante, mas com muito trabalho conseguiremos alcançar os frutos de uma sociedade mais justa para todos, onde os seres consigam se respeitar entre ambos e que a violência se torne mais um episódio do passado da nossa história.

Para Adriana Piscitelli <sup>72</sup>o intelectual se ver diante de uma grande questão que é alcançar suas metas por meio de suas reflexões, envolvendo nosso cotidiano que são marcadas pela presença da intolerância e do preconceito, por isso um dos pontos principais para discussão e para mudança seria os ambientes educacionais.

Os espaços educacionais se apresentam como locais propícios para problematização e discussão sobre temas que a sociedade precisa conhecer, mas que continua sendo deixados de lado. Por medo da problematização desses temas que envolvem conflitos sociais, é mais fácil para muitos ficar distante, não se meter, em vez de propor articulações e socialização de problemas que afligem diariamente o ser humano.

Os espaços educacionais que envolvem os jovens proporcionam uma modelagem do comportamento de muitos. Saber repassar e fazer uma reflexão sobre questões que afligem a dignidade de ser humano é uma questão que pode criar nos jovens novas posturas de comportamentos sociais sobre a violência doméstica.

A escola se apresenta como local de criação de condutas e comportamentos educacionais para a vida e a sociedade, o sujeito aprende como viver socialmente, A violência doméstica é uma questão social que se articulada aos jovens no tempo certo, estes como sujeitos que estão formando sua própria conduta moral, são alvos que podem fazer a mudança social.

Percorremos um longo caminho de dificuldade para concretização desse trabalho, as fontes são muitas, mas ter acesso a elas se torna um dos obstáculos a ser superado, pois é uma temática que sua socialização e problematização em espaços sociais e acadêmicos parecem um tabu para a sociedade. Muitos acreditam ser sem relevância para a História, superá-los foi um dos focos dessa pesquisa, conseguindo seguir em frente na consumação desse trabalho.

---

<sup>72</sup> PISCITELLI, Adriana; PUGA, Vera Lucia (Orgs). **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006. p. 01.

As barreiras foram superadas, chegar ao final dessa pesquisa acadêmica foi superar as barreiras e obstáculos, esperamos novas pesquisas que possam complementar cada vez mais essa temática, acreditamos que o essencial foi alcançado e que as discussões começam aos poucos toma novos espaços e que cada vez a voz dos que são silenciados serão ouvidas.

## FONTES ORAIS

FONTES. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 03 de Maio de 2017.

GONÇALVES, Yana de Moura. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 09 de Junho de 2017.

MOURA, Lennon Luiz luz fontes de. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 20 de outubro de 2016.

NASCIMENTO. Maria José Alves do. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 25 de Maio de 2017

NOGUEIRA. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 09 de Maio de 2017.

OLIVEIRA. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 09 de Maio de 2017.

SOUSA. **Entrevista concedida à Rosilene Vieira de Sousa.** Picos, 08 de Maio de 2017.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Desconstruindo falas do falo.** Nordeste: **Invenção do “Falo”-uma história do gênero masculino (1920-1940).** 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1960.

BIJOS, Leila. **Violência de gênero: crimes contra a mulher** Contexto e Educação - Editora UNIJUÍ - Ano 19 - nº 71/72 - Jan. / Dez. 2004 – p.p.111-128

BLAY, Eva Alterman. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher.** 2 ed. São Paulo. Cultura Acadêmica, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maia Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASÍLIA. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Viver sem Violência é direito de toda mulher – Entenda a Lei Maria da Penha.** Presidência da República. Brasília, 2015.

CARDOSO. Elizangela Barbosa. **Entre o tradicional e o moderno: os feminismos na revista Vida Doméstica.** Niterói. Vol. 9, n. 2, p. 103-134, 2009

DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do Sertão Nordestino.** In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004.

FLAX, Jane. Pós-modernidade e as relações de gênero na teoria feminista. In. HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pós-modernidade e política**. Rio de Janeiro: Cultura. 1939, p. 217-251

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**, vol. 4, tradução Denise Bottman, partes 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “**Quem é frouxo não se mete**”: **violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. Pojet. História, São Paulo, (19), nov. 1999.

MARGARETH RAGO. Epistemologia feminista, gênero e história. Descobrendo historicamente o gênero. Disponível < [www.cntgaliza.org](http://www.cntgaliza.org)> acesso em 18 de novembro de 2016.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Outrora, em outro lugar. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**, vol. 4, tradução Denise Bottman, partes 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PERROT, MICHELLE. **Os excluídos da história**. Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **Outrora: Revolução Francesa e Vida Privada**. In: Michelle Perrot (Org.). História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4, tradução Denise Bottman, partes 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PERURENA, Fátima. **Feminismos e masculinidades**. Revista Sociais e Humanas, vol. 22. Rio de Janeiro. 2009.

PIMENTEL, Silvia et all. **Informe nacional do Brasil sobre violência. Violência de gênero no Brasil: considerações preliminares sobre o tema sob uma abordagem socio-jurídica**. Projeto Violência – CLADEM Regional ([www.cladem.org/português](http://www.cladem.org/português)).

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. IN: Almeida, Heloisa Buarque de. SZWAKO, José Eduardo. (Orgs.). **Diferenças, igualdades**. São Paulo: Berlendis e Vertechia, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Fortaleza, CE, 13.07.2009. Transcrição de Luiz Henrique dos Santos Blune, e a partir do arquivo em áudio. Wmp. Mnemosine Vol. 6, nº 2, p.2 – 13 (2010).

PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano e da Vida Privada. In. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Orgs.). Domínio da História. - Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 376-398

PUGA, Vera Lucia. **Autonomia feminina como porta de saída da violência**. XXVIII simpósio nacional de história, conhecimento social. Natal, 2013.

PUGA, Vera Lúcia. **Violências diárias, violências de gênero: amar ou odiar? qual é o verbo?** Cordis. Mulheres na história, v. 2, São Paulo, n. 13, p. 99-108, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** Joana; Grossi, Miriam (Orgs.)- MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O Poder do Macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTTI, Heleieth; ALMEIDA, Sueli de Souza. **Violência de Gênero. Poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 1989.

SILVA, Juliana Medeiros da . **Atendimento às mulheres em situação de violência doméstica: análise de uma casa abrigo.** Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajatória da historiografia das mulheres no brasil.** Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

SOARES, Bárbara Musumeci. **Mulheres invisíveis: Violência conjugal e novas políticas de segurança.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TAVARES. Rebecca Reichmann. Igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010 / Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011.**

## SITES

CFEMEA. **Lei Maria da Penha: Do Papel para a Vida.** Comentários à Lei 11.340/2006 e sua inclusão no ciclo orçamentário. 2ª ed. Gráfica Brasil, 2007, p. 12. Disponível em: <[http://br.boell.org/downloads/leimariadapenhadopapelparaavida\\_2edicao.pdf](http://br.boell.org/downloads/leimariadapenhadopapelparaavida_2edicao.pdf)>. Acesso em: 22 novembro de 2016

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE: História e dados geográficos.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/panel.php?codmum=220800>>. Acesso 10 novembro de 2016.

PROJETO DE LEI PL 8032/2014. Portal. EBC. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=623761>> Acesso em 08 de janeiro de 2017.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese
- ( ) Dissertação
- (X) Monografia
- ( ) Artigo

Eu, **Rosilene Vieira de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **Além dos muros do lar: uma abordagem sobre a violência doméstica no universo feminino da cidade de Picos-PI (1990-2015)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 18 de Setembro de 20 17.

Rosilene Vieira de Sousa  
Assinatura

